

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ROBERTA MADEIRA DE MELO

**TERRORISMO DE ESTADO NO MÉXICO EM 1968: DO MASSACRE DE
TLATELOLCO À LUTA POR VERDADE, MEMÓRIA E JUSTIÇA**



Porto Alegre

2017

ROBERTA MADEIRA DE MELO

**TERRORISMO DE ESTADO NO MÉXICO EM 1968: DO MASSACRE DE
TLATELOLCO À LUTA POR VERDADE, MEMÓRIA E JUSTIÇA**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós

Porto Alegre

2017

ROBERTA MADEIRA DE MELO

**TERRORISMO DE ESTADO NO MÉXICO EM 1968: DO MASSACRE DE
TLATELOLCO À LUTA POR VERDADE, MEMÓRIA E JUSTIÇA**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Enrique Serra Padrós (orientador) - UFRGS

Prof. Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli - UFRGS

Prof. Dr. Mathias Seibel Luce - UFRGS

La historia nos obliga a vivirla: es la substancia de nuestra vida y el lugar de nuestra muerte. Entre vivir la historia e interpretarla se pasan nuestras vidas. Al interpretarla, la vivimos: la hacemos historia; al vivirla, la interpretamos: cada uno de nuestros actos es un signo. La historia que vivimos es una escritura; en la escritura de la historia visible debemos leer las metamorfosis y los cambios de la historia invisible. Esa lectura es un desciframiento, la traducción de una traducción: jamás leeremos el original. Cada versión es provisional: el texto cambia sin cesar (aunque quizás siempre dice lo mismo) y de ahí que de tempo en tempo se descarten ciertas versiones a favor de otras que, a su vez, antes habían sido descartadas.

Cada traducción es una creación: un texto nuevo.

Octavio Paz

Somos os vencidos provisórios de um injusto destino.

Marc Bloc

Dedico este trabalho a todos e todas as vítimas de terrorismo de Estado na América Latina. Ao movimento estudantil latino-americano. E aos que seguem lutando por verdade, memória e justiça.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de conclusão de curso representa o fim de um ciclo e começo de outro. O percurso trilhado até esta última fase de minha graduação foi longo e rico em trocas de experiências, conhecimentos, energias. Nesses cinco anos encontrei pessoas que levarei para sempre em minha memória; vocês fazem parte da minha História.

Falando em História, a minha não é diferente das de milhares de estudantes que tiveram acesso à universidade pública ao utilizarem o sistema de cotas. Garantido pela Lei nº 12.711, sancionada em agosto de 2012, o sistema de cotas se tornou uma das principais políticas públicas de acesso à educação superior. Essa, que, infelizmente, ainda continua racista, lgbtfóbica e regida por antagonismos de classe. Como praticamente todos e todas cotistas, enfrentei dificuldades dentro da graduação. Trabalhar e estudar, não ter base de leitura considerada suficiente para muitos professores, não saber falar fluentemente outra língua, não ter tempo para aprofundar os estudos realizados na academia, entre outras dificuldades, fazem parte da vida de quem ousa entrar na UFRGS, mas não nasceu em “berço de ouro”.

Para chegar e permanecer na universidade precisei da ajuda de meus pais, Eliane e Roberto e de meus avós, José Tiago e Inês Terezinha. Agradeço a vocês por todo o apoio!

Durante esses longos anos de graduação morei na Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre (CEUPA). Agradeço a todas as pessoas que vivenciaram comigo o viver em coletividade. Obrigada vizinho Giordano, por me auxiliar com a tradução dos documentos que utilizei nessa pesquisa, te devo cervejas e incensos! Obrigada Ketlin, pelas trocas de cervejas, risadas, conhecimentos e por saber cantar todas as músicas de “bandinha” comigo.

Agradeço também as amigas, irmãs de vida que conheci na UFRGS, Alana, Andréia, Bruna, Sara e Marília (pessoa presente em quase todos os espaços que frequentei durante este ano). Obrigada gurias pelos anos de convivência, aprendizado, troca de energias e apoio, principalmente, neste momento.

E o que seria do meu trabalho de conclusão de curso sem o apoio de minha companheira de vida? Muito obrigada Tayane, por estar do meu lado, por me aguentar, me ouvir, me fazer rir, relaxar, por me fazer olhar nos teus olhos e ler “*está tudo bem!*” E, principalmente, por não deixar de acreditar em mim, nos meus sonhos, nos nossos sonhos.

Também sou grata pela vivência com os colegas do PEAC (Projeto Educacional Alternativa Cidadã), Allejandro, Alice, Camila, Claudia, Cassiano, Guilherme, Livia, Liana,

Marília, Mathias, Marcos e Mariana. Viver a educação popular com vocês é muito gratificante, agradeço por serem tão sonhadores quanto eu!

Agradeço o companheirismo dos meus colegas do Centro de Pesquisa Histórica de Porto Alegre, Alejandro, Alexia, Marília e Simone (não te chamei de chefe viu?!). Obrigada Simone, o livro me ajudou muito!

Também agradeço pelo tempo em que atuei como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Obrigada professores, funcionários e estudantes do Colégio de Aplicação. Obrigada a todos os professores e colegas bolsistas do PIBID. Obrigada professora Carla Meinerz, aprendi muito sendo tua orientanda no Estágio Fundamental e também sendo sua colega no PIBID.

Muito obrigada querido orientador, Enrique! Sou grata por todas as dicas, correções e por toda a inspiração que tu és para mim. Um dia um amigo falou algo assim: *“fui à aula receber aquela dose de Padrós do dia”*, o que ele quis dizer com isso? Apesar de tu seres um uruguaio muito falante, tuas palavras são como doses de energia que nos dão força de vontade para continuar seguindo até a realização. E é essa utopia que, parafraseando Eduardo Galeano, serve para *“que nós não deixemos de caminhar”*.

Por fim, esse humilde trabalho de conclusão de curso foi construído graças a todos e todas vocês! Termino agradecendo a quem eu nunca conheci; aos que passaram por essa vida e deixaram como herança a luta por uma sociedade mais igualitária e digna. Obrigada vocês, heróis e heroínas da História, que pouco aparecem nos livros, mas que foram essenciais para que assim como eu, outras pessoas tivessem acesso ao que vocês não tiveram. Por vocês, continuamos!

RESUMO

Este trabalho analisa, através do conceito de Terrorismo de Estado, o massacre ocorrido em Tlatelolco, na cidade do México, no ano de 1968. Para tal objetivo, procura-se contextualizar historicamente a década de 1960, principalmente o ano de 1968, visto que este é reconhecido com um ano emblemático de contestações estudantis em vários países, incluindo o México. Também, procura-se analisar o movimento estudantil mexicano nesse contexto, seus sujeitos históricos, sua organização, suas correntes e demandas. Conjuntamente, busca-se examinar as ferramentas de repressão e espionagem utilizadas pelo governo do Partido Revolucionário Institucional (PRI) com o objetivo de liquidar o movimento estudantil, durante os meses de julho a outubro, até chegar no dia dois de outubro de 1968, data do massacre. Nesse sentido, atenta-se para a influência da Doutrina de Segurança Nacional exportada pelos Estados Unidos aos países latino-americanos a fim de combater o comunismo ou qualquer movimento de esquerda no período da Guerra Fria (1945-1989). Além disso, aponta-se as respostas dadas pelo Estado mexicano acerca do massacre e reflete-se a respeito da luta por verdade, memória e justiça de quem nunca esqueceu as vidas assassinadas.

A pesquisa se baseou em alguns exemplares do jornal mexicano *El Siglo de Torreón* retirados da Hemeroteca digital do próprio veículo de comunicação; documentos da *Defense Intelligence Agency* (DIA) do acervo digital do *National Security Archive*; documentos da *Dirección Federal de Seguridad* localizados no *Archivo General de la Nación* (retirados do livro *El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968* de Raúl Jardón).

Palavras-chaves: México, movimento estudantil, massacre de Tlatelolco, Terrorismo de Estado, Doutrina de Segurança Nacional.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - 1968: O ANO DAS CONTESTAÇÕES – QUANDO A JUVENTUDE SACUDIU O MUNDO	16
1.1 O 1968 Mexicano: as múltiplas interpretações	20
1.1.1 O Movimento Estudantil Mexicano: analisando as e os sujeitos históricos	26
CAPÍTULO 2 - DA CONTESTAÇÃO ESTUDANTIL AO TERRORISMO DE ESTADO.....	32
2.1 O Governo do PRI e a metodologia repressiva	35
2.1.1 <i>Big Brother is watching you</i>: EUA de olho no Movimento Estudantil	39
2.2 Precisamos salvar as Olimpíadas! A construção do “Inimigo Interno” sob a lógica da Doutrina de Segurança Nacional	42
2.2.1 O Massacre de Tlatelolco: o ápice do Terrorismo de Estado	47
CAPÍTULO 3 - <i>¿2 DE OCTUBRE NO SE OLVIDA!</i>	52
3.1 Repercussão do massacre: o silenciamento oficial e a denúncia internacional	53
3.2 Movimento Estudantil pós-massacre: as feridas abertas	56
3.3 <i>¿2 de Octubre no se olvida!</i> O movimento por verdade, memória e justiça ..	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
Arquivos pesquisados	71
Fontes apresentadas	71
Bibliografia	72
Anexo 1 - lista de vítimas identificadas até 2006	78
Anexo 2 – <i>Elementos que han intervenido en el movimiento estudiantil</i>	79
Anexo 3 - <i>La intervención soviética</i>	81

LISTA DE SIGLAS

- CESU – *Centro de Estudio sobre la Universidad* (MEX)
- CIA – Agência Central de Inteligência (EUA)
- CNH – *Consejo Nacional de Huelga* (CNH)
- DIA – Agência de Inteligência de Defesa (EUA)
- DFS – *Dirección Federal de Seguridad* (MEX)
- DSN – Doutrina de Segurança Nacional
- FEMOSPP – *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado* (MEX)
- FER – *Federación Estudiantil Revolucionaria* (MEX)
- FUZ – *Frente Urbano Zapatista* (MEX)
- IAPA – Academia Inter-americana de Policía (EUA)
- IPS – *Dirección de Investigaciones Políticas y Sociales* (MEX)
- PRI – Partido Revolucionário Institucional (MEX)
- MAR – *Movimiento de Acción Revolucionaria* (MEX)
- NSC – Conselho Nacional de Segurança (EUA)
- UNAM – Universidade Nacional Autônoma do México (MEX)
- IPN - Instituto Politécnico Nacional (MEX)
- TDE – Terrorismo de Estado

INTRODUÇÃO

Se formos visitar a capital mexicana e passarmos pela Praça das Três Culturas em Tlatelolco¹, encontraremos um monumento chamado “*Estela de Tlatelolco*”. Essa peça em memória às vítimas do “massacre de 68” foi idealizada pelo Comitê 68, entidade fundada em 1978 por ex-estudantes do movimento estudantil de 1968 que buscavam lutar por verdade e justiça. Em 1993, ao completar 25 anos do fato citado o monumento foi construído pelos artistas Arnulfo Aquino e Salvador Pizarro a pedido do Comitê de 68, como uma forma de homenagear as vítimas do Massacre de Tlatelolco.

Há quarentas e oito anos em uma quarta-feira de outubro, acontecia no México um dos exemplos mais expressivos de violência contra o movimento estudantil de 1968. O discurso oficial do Partido Revolucionário Institucional (PRI) era que o massacre fora provocado por indivíduos infiltrados dentre os manifestantes com o intuito de sabotar os Jogos Olímpicos que iriam ocorrer no México poucos dias depois. Todavia, até o presente momento o Estado mexicano não explicou exatamente o que aconteceu na Praça das Três Culturas. As marcas deixadas por um passado não muito distante persistem até hoje, em forma de impunidade, dor, incertezas, silenciamento e revolta.

Este trabalho tem como objetivo analisar o processo histórico que resultou no Massacre de Tlatelolco, em 1968, através do conceito de Terrorismo de Estado. Tal conceito começou a ser empregado como categoria de análise a partir dos anos de 1980, principalmente, para estudar o período em que a América Latina vivenciou uma série de golpes de Estado que levaram à imposição de ditaduras de Segurança Nacional². No caso do México, a utilização do termo em estudos mais aprofundados sobre o regime priista e o movimento estudantil de 1968 ainda é escasso, embora exista uma tendência de mudança. Para realizarmos este estudo utilizaremos como base teórica os trabalhos de Enrique Serra Padrós, *Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Seguridad Nacional Uruguai (1968-*

¹ Tlatelolco foi uma cidade fundada pelos tlatelolcas (um dos povos originários da América Central) e que tinha um importante mercado no período da Antiguidade Americana antes da chegada dos europeus no século XV. Atualmente está anexada à cidade do México, possui sítios arqueológicos e é onde se localiza a Praça das Três Culturas.

² BAUER, Caroline Silveira. La ditadura brasileña y el concepto de terrorismo de Estado: Contribuciones de la experiencia argentina. *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007. Disponível em: <<http://cdsa.academica.org/000-108/1018.pdf>> Acesso em 25/09/2016.

1985): *do Pachecato à Ditadura Civil-Militar*³, de Ernesto Garzón Valdés, *El terrorismo de Estado (El problema de su legitimación e ilegitimidad)*⁴ e de Caroline Silveira Bauer, *Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países*⁵.

Podemos caracterizar como Terrorismo de Estado “um sistema de governo que emprega o terror para enquadrar a sociedade”⁶. Utilizamos esse conceito para interpretar as ações realizadas pelo governo do PRI, principalmente, durante os meses de julho a outubro de 1968 a fim de reprimir o movimento que questionava o regime. Procuramos analisar as ferramentas construídas pelo governo para vigiar e reprimir os que ousaram questionar sua forma de governar. Nesse sentido é importante ressaltar que o regime priista, apesar de ter durante suas longas décadas de regência⁷ partidos políticos de oposição pode ser caracterizado como um regime autoritário⁸, pois:

[...] su autoritarismo presidencialista incorporaba a la mayoría de grupos organizados que coexistían dentro del Partido Revolucionario Institucional (PRI), capaz de conciliar los lenguajes e intereses de profesionales y campesinos, obreros e intelectuales. El poder se transmitía periódicamente y las feroces luchas por alcanzarlo se libraban en privado y con la venia del señor presidente⁹.

³ PADRÓS, Enrique. **Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar**. Tese (Doutorado em História). PPG-História/UFRGS, Porto Alegre, 2005.

⁴ VALDÉS, Ernesto Garzon. El terrorismo de Estado (El problema de su legitimación e ilegitimidad). **Revista de Estudios Políticos (Nueva Epoca)**, n. 65, jul./set, 1989. Disponível em: <<http://recyt.fecyt.es/index.php/RevEsPol/article/viewFile/47595/29064>> Acesso em 10/10/2016.

⁵ BAUER, Caroline S. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países**. Tese (Doutorado em História). PPG-História/UFRGS. Porto Alegre, 2011.

⁶ PADRÓS, Enrique. Op. Cit. p. 64.

⁷ Em relação ao Partido Revolucionário Institucional devemos atentar que esse nome foi criado na década de 1940, quando o México, após a Revolução Mexicana, teve seu primeiro presidente civil, Miguel Alemán Valdés. Todavia, o PRI é o resultado de transformações do Partido Nacional Revolucionario que surge em 1929 com a presidência do militar Plutarco Elías Calles e que depois muda para Partido de la Revolución Mexicana, com o presidente militar Lázaro Cárdenas del Río, para assim virar, definitivamente, Partido Revolucionario Institucional. Para além da troca de nome, é importante destacar que esse período de transformação também marcar os limites da Revolução Mexicana e seu não aprofundamento. DOMÍNGUEZ, Lopez Miguel; GONZÁLEZ, Pablo Martínez; ALMANZA, Raquel León. El PRI: Consolidación, Pérdida y Regreso al poder presidencial. *TLATEMOANI Revista Académica de Investigación*, nº 16, Espanha, 15 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/tlatemoani/16/politica.pdf>> Acesso em 20/10/2016.

⁸ Na tipologia dos sistemas políticos são chamados de autoritários os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundária as instituições representativas [...] Em sentido generalíssimo, fala-se de regimes autoritários quando se quer designar toda a classe de regimes antidemocráticos. BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; Gianfranco PASQUINO. **Dicionário de Política I**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v.1, p. 94 e 100.

⁹ AGUAYO, Sergio. 1968. **Los Archivos de la Violencia**, México, Grijalbo: Reforma, 1998, p. 28.

Apesar de se apresentar como um governo democrático o Estado mexicano cometeu crimes contra sua própria sociedade utilizando o conhecido argumento entre as ditaduras de Segurança Nacional: o combate a possíveis inimigos infiltrados no país. Nesse sentido apontamos como necessário estudar as ações do governo do PRI dentro da lógica de Doutrina de Segurança Nacional, uma doutrina criada pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria e exportada para diversos países da América Latina a fim de combater o comunismo. Assim:

Sua imposição implicou em transfigurar o eixo central do confronto da Segunda Guerra para o da realidade do pós-guerra, ou seja, a substituição do confronto fascismo *versus* antifascismo pelo de democracia *versus* comunismo. O reconhecimento da centralidade da proclamada “ameaça comunista” como desafio fundamental a ser enfrentado foi a essência legitimadora da imposição e exportação da DNS¹⁰.

Buscamos incluir o México no processo histórico ocorrido durante a Guerra Fria na América Latina que desencadeou a exportação da Doutrina de Segurança Nacional e a utilização de terror de Estado como ferramenta ao combate de possíveis insurgências. Além, do contexto da Guerra Fria, é importante ressaltarmos que em 1968 o México estava prestes a ser o primeiro país latino-americano a se tornar sede dos Jogos Olímpicos. Tal fato é relevante para compreender as urgências do regime priista em combater o que o governo entendia como inimigos da nação ou ameaça comunista. As Olimpíadas não poderiam deixar de acontecer! O México deveria mostrar ao mundo que era um país ordeiro, pujante, que aspirava ter um maior reconhecimento internacional. As Olimpíadas funcionariam como verdadeira vitrine para mostrar o México ao mundo. Ou seja, tratava-se de uma oportunidade única sobre a qual havia muitos interesses econômicos e políticos. Era momento de fazer uma ótima propaganda das potencialidades do país para investimentos e parcerias. Era fundamental aproveitar a ocasião, nem que para isso fosse necessário usar a violência estatal contra qualquer voz de discordância. Na prática, levar tal pretensão às últimas consequências resultou no assassinato de centenas de cidadãos em Tlatelolco.

Sobre o massacre de 68 existem obras clássicas, tais como: *1968. Los Archivos de la Violencia*¹¹, *Los Días y los años*¹², *Posdata*¹³, *La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral*¹⁴ e, mais recentemente, a obra *De Tlatololco a Ayotzinapa: Las violências del Estado*¹⁵.

¹⁰ PADRÓS, Enrique. Op. Cit. p. 187.

¹¹ AGUAYO, Sergio. Op. Cit.

¹² ALBA, Luis González de. **Los días y los años**. México: Era, 1971.

¹³ PAZ, Octavio. *Posdata*. In: Obras completas. Edição do Autor. México: Fondo de Cultura Económica. 1996.

¹⁴ PONIATOWSKA, Elena. **La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral**. México: Ed. Era, 1985. 45 ed.

¹⁵ AGUAYO, Sergio. **De Tlatololco a Ayotzinapa: Las violências del Estado**. México, Editorial INK, 2015.

Além de livros, também existem documentários importantes, entre eles podemos citar *El grito*¹⁶, *Memorial del 68*¹⁷ e *Tlatelolco: Las claves de la masacre*¹⁸. A partir de uma breve análise dessas referências podemos apontar uma característica em comum: todas elas confirmam a participação dos agentes repressivos do governo do PRI na emboscada, ou seja, o Estado é entendido como o responsável maior pelo massacre de centenas de pessoas.

A violência estatal no México é uma variável constante, mesmo que com suas diferenças de acordo com o contexto histórico e social do país. O último crime de impacto relacionado ao Estado é o desaparecimento de quarenta e três estudantes da escola rural de Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa em 2014. Foram assassinados? Quem os desapareceu? O que foi feito deles? Nada se sabe, nada é dito e a postura do Estado é muito parecida com aquela de 1968: a imposição de um manto de silêncio e a garantia à impunidade.

Analisar a História do Tempo Presente implica reconhecer a importância social que tal estudo terá. Nesse caso, pesquisar o que aconteceu em 1968 significa alertar, refletir e não deixar cair no esquecimento para que não sumam mais quarenta e três estudantes e para que todas as vítimas estejam presentes na memória de uma sociedade como a mexicana, assombrada por ações (no mínimo) questionáveis de seu Estado.

“Já disse que toda história é história contemporânea disfarçada”¹⁹. O referencial teórico que permeia nossa pesquisa está vinculado à História do Tempo Presente, pois o período em que nos debruçaremos se encaixa no que podemos chamar de período contemporâneo. Refletir acerca desse passado, presente entre nós pode ser um tanto quanto complicado, pois estamos tratando de um tempo ainda em desenvolvimento²⁰.

Quando falamos de História do Tempo Presente não podemos deixar de pensar na Memória, conceito interlaçado com o presente. Nesse sentido, sabemos que pesquisar o passado recente é saber que sua memória está viva, não só nos documentos, mas principalmente em pessoas, em narrativas, em experiências. A partir disso, tentaremos “fazer perguntas às respostas dadas no passado”²¹.

Uma das dificuldades encontradas para se escrever acerca do Tempo Presente é a quantidade limitada das fontes, principalmente quando se pretende pesquisar temas sensíveis

¹⁶ “El grito”, Dir. Leobardo López Aretche, México, 1969.

¹⁷ “Memorial del 68”, Dir. Nicolás Echevarría, México, 2008.

¹⁸ “Tlatelolco: Las claves de la masacre”, Dir. Carlos Mendoza, México, 2004.

¹⁹ HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia de Bolso. 2013, p. 244.

²⁰ ARÓSTEGUI, Julio. **La historia vivida: sobre la historia del presente**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

²¹ DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**. PPG-História/UFSC. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 05-22. Jan./Jun. 2012, p. 14. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005/2014>> Acesso em 10/10/16.

os quais ainda não foram totalmente explicados, como é o caso do Massacre de Tlatelolco. Apesar dessa limitação, em nossa pesquisa contamos com o acervo digital do *National Security Archive*²². Nesse trabalho utilizaremos apenas uma fonte deste acervo, um documento da Agência de Inteligência de Defesa (*Defense Intelligence Agency – DIA*), mas o arquivo conta com documentos de inúmeras instituições estadunidenses. Ampliando as fontes de pesquisa, cabe colocar que contamos com o acesso digital da hemeroteca do jornal mexicano *El Siglo de Torreón*.

Oriundas dos meios virtuais, as fontes digitalizadas apresentam-se como novidades no meio historiográfico e ainda são poucas as reflexões teóricas a respeito de tais fontes. Por isso, um dos desafios que temos ao trabalharmos com tal novidade é a adaptação dessas fontes com um método o qual poderá ser “construído analisando os erros e acertos efetuados nesse processo”²³.

Além dessas fontes digitais, nessa pesquisa utilizamos dois documentos da *Dirección Federal de Seguridad*²⁴ (DFS), publicadas no livro *El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968*²⁵. Raúl Jardón, o autor, obteve os documentos no Archivo General de la Nación a partir da abertura dos documentos da DFS em 2002.

A partir da análise das fontes e com ajuda da base teórica pretendemos responder, neste trabalho se a repressão desencadeada contra o movimento estudantil, em 1968, corresponde a uma lógica de Terrorismo de Estado. Em caso positivo, a segunda pergunta se refere à postura dos Estados Unidos: apoiaram ou deram suporte às ações violentas do Estado mexicano? Outras perguntas relacionam-se com o funcionamento da trama repressiva até o seu auge no fato do dia dois de outubro, bem como na relação dos mesmos com o contexto internacional.

Para tentar responder tais questionamentos organizamos esse trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo *1968: O ano das contestações – quando a juventude sacudiu o mundo* procuramos contextualizar o movimento estudantil mexicano. Para isso, analisamos

²² Fundado em 1985 a instituição tem como objetivo tornar público documentos oficiais estadunidenses através da Lei de Liberdade de Informação. Suas instalações estão localizadas na Universidade de George Washington em Washington, Estados Unidos.

²³ ALMEIDA, Fábio Change de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. (*AEDOS*) *Revista do corpo docente do PPG-História da UFRGS*. Nº 8. Vol. 3, Rio Grande do Sul, 2011, p. 03. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776/11939>> Acesso em 10/08/2016.

²⁴ Órgão de inteligência e segurança nacional criado em 1947 pelo governo do PRI.

²⁵ JARDÓN, Raúl. **El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968**, México, Editorial Itaca, 2003.

o significado histórico de 1968, o ano em que por motivos diversos, o movimento estudantil explodiu nas ruas da França, Japão, Tchecoslováquia, Estados Unidos, Brasil, Uruguai, México. Apesar de cada particularidade, a emergência e o protagonismo estudantil nos anos 60 fez parte de um processo histórico sobre o qual nos debruçaremos no primeiro momento do capítulo. Num segundo momento buscamos mapear o que já foi escrito em relação ao movimento estudantil mexicano de 1968; para tal tarefa utilizaremos como base a tese de doutorado *El 68 y sus rutas de interpretación: una crítica historiográfica*²⁶, de Héctor Jiménez Guzmán. Este autor divide os escritos sobre 68 em seis grupos distintos: *os escritos da conjuntura, os escritos da prisão, os ensaios sobre a ruptura, a rota das interpretações militantes, os ajustes de contas com a memória e os arquivos da violência*. Para fechar o primeiro capítulo focaremos nosso olhar no movimento estudantil mexicano, fazendo uma breve análise a respeito dos sujeitos históricos que constituíram o movimento.

Depois de analisarmos as contestações do movimento estudantil de 68, partimos para o segundo capítulo a fim de discorrer sobre a resposta dada pelo Estado mexicano às reivindicações estudantis. Em *Da contestação estudantil ao Terrorismo de Estado* procuramos, primeiramente, refletir a respeito do conceito de Terrorismo de Estado e sua ligação com a Doutrina de Segurança Nacional no contexto dos anos 1960, 1970 e 1980 na América Latina. Após, buscaremos analisar a metodologia repressiva aplicada pelo governo do PRI para abafar a mobilização estudantil. Também refletiremos acerca da influência dos Estados Unidos no regime priista, assim como a sua colaboração com o mesmo, principalmente no que diz respeito ao serviço de inteligência e espionagem, contra a mobilização estudantil. Ainda nesse capítulo vamos analisar a construção do inimigo interno sob a lógica da Doutrina de Segurança Nacional nos meses que antecederam o massacre na Praça das Três Culturas. Por fim, apresentamos os eventos do dia dois de outubro, analisando como ocorreu o massacre.

O terceiro capítulo, *¡2 de octubre no se olvida!* é dedicado ao pós-massacre. Primeiramente, apresentamos a repercussão desse acontecimento tanto na imprensa nacional quanto na internacional, já que havia uma grande quantidade de jornalistas internacionais no país, devido à proximidade dos Jogos Olímpicos. Também apontamos os desdobramentos do movimento estudantil, quais as consequências do massacre para quem sobreviveu e quais caminhos seguiram os estudantes. Nesse sentido, ponderamos a respeito da luta armada,

²⁶ JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. **El 68 y sus rutas de interpretación: una crítica historiográfica**. Dissertação (Mestrado em História). PPG-História UAM Azcapotzalco, 2011.

opção escolhida por muitos estudantes na década de 1970. Vinculadamente a essa dinâmica avaliamos a consequente repressão do Estado (perseguições, torturas, assassinatos e desaparecimentos), justificada em nome da segurança nacional. Por fim, refletimos sobre o movimento por verdade, memória e justiça e perguntamos sobre o que foi feito para desvendar os crimes de Tlatelolco. De forma geral, estas são as diretrizes que seguimos neste trabalho de conclusão de curso.

1 1968: O ANO DAS CONTESTAÇÕES – QUANDO A JUVENTUDE SACUDIU O MUNDO

Antes de analisarmos o México de 1968 é necessário ampliarmos geograficamente nossa visão. O que estava acontecendo em 1968 pelo mundo? Qual a importância desse ano para que possamos compreender o sessenta e oito mexicano? Quando pesquisamos acerca de 1968 encontramos uma vasta bibliografia, mas nesse trabalho não pretendemos nos aprofundar na historiografia a respeito de 1968, mas fazer uma breve análise a partir de alguns autores tais como Luiz Dario Teixeira Ribeiro²⁷, Marcelo Ridenti²⁸, Enrique Serra Padrós²⁹, Maria Eunice Maciel³⁰, Celso Cândido³¹, Eric Hobsbawm³² e Immanuel Wallerstein³³.

Podemos compreender o ano de 1968 como o epicentro de um processo de agitações e insurgências decorrente da década de 1960. Diversos intelectuais interpretam esse momento histórico como um divisor de águas, uma revolução no sistema-mundo³⁴, para outros, trata-se de um tempo de contestação ou ano das utopias³⁵. Inúmeras manifestações de cunho político, artístico e cultural estremeceram aquele ano. Passando pelo Japão, França, Tchecoslováquia, Estados Unidos, Brasil, Uruguai, México, etc; muitos foram os palcos das rebeliões, essas que foram protagonizadas pela juventude. De fato, jovens estudantes se destacavam significativamente como sujeitos e sujeitas da História. Mil novecentos e sessenta e oito ainda hoje é lembrado, analisado, questionado, interpretado e reescrito, pois:

[...] as questões de 68 representam ainda hoje uma viva referência no questionamento dos modos de vida e ideias dominantes, uma crítica ainda válida ao capitalismo e mesmo ao ideário socialista³⁶.

²⁷ RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. “1968” e seu significado histórico. In: **Capítulos sobre a história do século XX**. Tese (Doutorado em História) PPG-História/UFRGS, Porto Alegre, 2013.

²⁸ RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **O Século XX – O Tempo das Dúvidas** – Vol. 3, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

²⁹ HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (org.). **1968: Contestação e Utopia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

³⁰ MACIEL, Maria Eunice. A (r)evolução dos costumes: nada mudou, tudo mudou In: PONGE, Robert Charles. **1968: O ano das muitas primaveras**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

³¹ CÂNDIDO, Celso. 68 - A revolução do desejo? In: PONGE, Robert Charles. **1968: O ano das muitas primaveras**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

³² HOBSBAWM, Eric. Os anos dourados. In: **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

³³ WALLERSTEIN, Immanuel. 1968: Revolución en el sistema-mundo. Tesis e interrogantes. **Estudios Sociológicos**, VII: 20, México: Centro de Estudios Sociológicos - El Colegio de México, 1989. Disponível em: <<http://documents.mx/documents/wallerstein-1968-revolucion-en-el-sistema-mundo.html>> Acesso em 10/08/2016.

³⁴ Idem.

³⁵ HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (org.). Op. Cit.

³⁶ CÂNDIDO, Celso. 68 - A revolução do desejo? In: PONGE, Robert Charles. **1968: O ano das muitas primaveras**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998, p. 126.

As questões levantadas pelos estudantes na década de 60 não surgiram do nada em 1968. Luiz Dario Teixeira Ribeiro ao analisar o significado histórico de 1968 nos aponta certos aspectos relevantes para entendermos o porquê de ter ocorrido diversas mobilizações pelo mundo ligadas, principalmente, ao movimento estudantil. Primeiramente, é importante caracterizarmos o cenário mundial pós-segunda guerra, pois é nele que o sessenta e oito eclode. O mundo havia saído de uma guerra clássica e massivamente destrutiva, e havia entrando em uma forma de guerra indireta³⁷ chamada Guerra Fria; é nesse palco histórico que as rebeliões juvenis ocorrem em 1968.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial o mundo se divide política e economicamente em dois blocos de países estruturados a partir da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do outro lado, os liderados pelos EUA (países capitalistas). Após a Segunda Guerra Mundial a organização política e econômica, chamada “keynesiana” passou a conduzir a sociedade capitalista, assim:

Tal modelo que tinha como destaque o consumismo e o bem estar material, apresentava como aspecto positivo a redução das diferenças entre as rendas das diversas classes sociais [...]. Em contrapartida, restringia a liberdade e a diversidade social, pois o capital monopolista fordista e o Estado que lhe correspondia não só intervinham no estabelecimento de formas de produção, mas na própria organização do modo de vida e nos limites da liberdade política³⁸.

É a partir desse sistema organizacional que o mundo irá viver, sobretudo em 1950, o que Eric Hobsbawm apontou como “os anos dourados”³⁹. Todavia, apesar de que eram incluídos como beneficiários certos setores populares (particularmente o operariado mais qualificado) o modelo não era usufruído por boa parte da sociedade, que eram os que não podiam obter as vantagens desse modo organizativo. Cabe ressaltar que os privilégios do “keynesianismo” eram também geograficamente limitados; assim, os países do “Primeiro Mundo” tinham certamente muito mais que vantagens econômicas em relação ao chamado “Terceiro Mundo”, pois enquanto o “Primeiro Mundo” vivia o Estado de bem-estar social, o

³⁷ São exemplos de guerras clássicas a Primeira e Segunda Guerra Mundial. Tais conflitos são caracterizados por buscarem uma resolução militar e por produzirem, como consequência, enormes baixas entre os civis (sobretudo a Segunda Guerra). Já a Guerra Fria pode-se caracterizar como um conflito sumamente ideológico (Capitalismo *versus* Socialismo) entre as duas grandes potências mundiais do pós-Segunda Guerra, EUA e URSS, em que as resoluções ocorrem por vias políticas, tornando a força militar um meio, dentro outros, de se obter vantagem sob o inimigo.

³⁸ RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. Op. Cit. p. 198.

³⁹ HOBSBAWM, Eric. Op. Cit.

“Terceiro Mundo” sofreu com regimes de Terror de Estado e seu desenvolvimento econômico ocorreu integrado e associado ao imperialismo.

É nesse cenário econômico pós-guerra que se intensificam determinados fatores os quais ajudam a entender o que foi o “boom” dos anos 1960 que, além do crescimento econômico e da estabilidade política expressou a concretude de novas formas societárias, principalmente na Europa Ocidental, nos EUA e no Japão. Nesse sentido, Ribeiro nos ajuda a compreender os caminhos trilhados até sessenta e oito. O primeiro fator apontado é a mão de obra feminina, pois durante a Segunda Guerra as mulheres ocuparam espaços considerados masculinos assumindo tarefas tanto no âmbito privado quanto no público. Ao acabar a guerra, entretanto, os homens voltaram a assumir tais postos, gerando-se, a partir disso, forte regressão e tensão social. O segundo elemento foi a decepção social provocada pelo fato de que no cenário de pós-guerra, a expectativa democrática ficou muito aquém do esperado; após a derrota nazifascista a aplicação de políticas de reestruturação foi acompanhada da recuperação do poder pela política tradicional sob o domínio do capital. O terceiro e importante aspecto é o fato dos Estados Unidos saírem consolidados como potência hegemônica absoluta, após a guerra; sua superioridade econômica e política em relação aos outros países permitiu sua emergência mundial, tornando-se um modelo a ser seguido econômica, política e culturalmente, dentro do campo capitalista⁴⁰.

O quarto motivo essencial para compreendermos a explosão de 1968 se relacionou com a geração do “baby boom”, ou seja, a juventude, principalmente aquela ligada à pequena burguesia e determinadas parcelas da classe trabalhadora, que nasceu nos anos dourados, obtendo acesso amplo ao sistema educacional e tendo um modo de viver materialmente mais confortável em comparação às gerações anteriores. A geração do “baby boom” marcou presença forte na área da educação, fator que transformou as relações sociais de maneira significativa:

Essas massas de rapazes e moças e seus professores, contados aos milhões ou pelo menos centenas de milhares em todos os Estados, a não ser nos muito pequenos e excepcionalmente atrasados, e concentrados em *campi* ou “cidades universitárias” grandes e muitas vezes isoladas, constituíram um novo fator na cultura e na política⁴¹.

Esse grupo social que vai ocupar universidades pelo mundo afora vai fazer aflorar embates tensos dentro dos campus universitários. Como decorrência se estabelece o quinto

⁴⁰ RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. Op. Cit.

⁴¹ HOBBSBAWM, Eric. Op. Cit. p. 292.

elemento percorrido no caminho até 1968: as pressões sofridas pelas instituições universitárias, tanto de um lado os estudantes que reivindicavam uma universidade mais democrática e promotora de uma emancipação humana, quanto do outro lado os interesses empresariais, que giravam em torno de uma universidade mais técnica e menos humanista. A pressão sofrida por essas instituições foi um dos fatores principais para a explosão das rebeliões estudantis⁴².

Para além do mundo capitalista, a crítica ao comunismo burocrático também se tornou um fator importante para a compreensão dos protestos de 1968. Nesse contexto, surge denominada Nova Esquerda “mais radical e revolucionária e com fortes críticas teóricas e políticas ao sistema capitalista e ao socialismo considerado burocrático”⁴³. É a Nova Esquerda a que estará, embora não exclusivamente, no centro das manifestações mundiais de 1968. Nesse sentido:

El punto importante para el análisis de la revolución de 1968 es el que los nuevos movimientos que emergieron entonces fueron dirigidos por gente joven que había crecido en un mundo en el que los movimientos antisistémicos tradicionales de sus respectivos países no se encontraban en las primeras fases de la movilización, pero que ya habían alcanzado la meta intermedia del poder estatal. Así, estos “viejos” movimientos podrían ser juzgados no solamente por sus promesas sino también por sus prácticas una vez en el poder. Éstos fueron así juzgados y encontrados, en un grado considerable, deficientes”⁴⁴.

É essa Nova Esquerda que, a partir de 68, articula as lutas macropolíticas (questões econômicas, estatais e internacionais) com as micropolíticas (movimentos sociais vinculados às lutas dos negros, do feminismo, das minorias étnicas e sexuais)⁴⁵. Essa Nova Esquerda jovem irá criticar amplamente o capitalismo estadunidense e seu imperialismo neocolonial, principalmente a partir da Guerra do Vietnã; mas também questionará o socialismo burocrático, identificando-o com uma velha esquerda a qual acreditava que primeiramente o proletariado faria a revolução e, depois, as minorias teriam suas demandas atendidas.

Todos os fatores citados deram base ao surpreendente mil novecentos e sessenta e oito. Começando dentro das universidades, milhares de jovens pertencentes às diversas correntes ideológicas, tais como, guevaristas, trotskistas, maoístas, marxistas-leninistas, anarquistas, surrealistas, etc, questionaram o sistema de ensino e depois a própria sociedade. Eles foram

⁴² RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. Op. Cit.

⁴³ Idem.

⁴⁴ WALLERSTEIN, Emmanuel. Op. Cit. p. 233.

⁴⁵ CÂNDIDO, Celso. Op. Cit.

sensivelmente influenciados pela contracultura ⁴⁶, pelos sucessos das revoluções e pelo vigoroso movimento de descolonização anteriores ao ano de 1968, tais como a revolução chinesa (1949), a cubana (1959), a independência da Argélia (1962) e a guerra do Vietnã; os jovens perceberam que “havia povos subdesenvolvidos que se rebelavam contra as grandes potências, para criar um sonhado mundo”⁴⁷. Tais revoluções ajudavam a construir o sonho, a utopia, o desejo de uma sociedade diferente, não autoritária, não mecanizada, não capitalista, não burocrática. Portanto, podemos entender 1968 como um ano de cunho revolucionário que foi caracterizado:

[...] de maneira fundamental, por uma crítica ao modo de vida americano, ao imperialismo norte-americano e à sua política de dominação sobre o planeta, como o modelo assumido e necessário para a sociedade capitalista [...] a oposição militante contra o conservadorismo social em cada país onde aconteceram manifestações daquele fenômeno; [...] a denúncia e oposição contra a generalização do capitalismo monopolista de pós-guerra e suas consequências⁴⁸.

Assim, 1968 se apresenta historicamente não como uma revolução consolidada, visto que os diversos movimentos de contestação foram duramente reprimidos. No entanto, o que se iniciou em 1968, os questionamentos, as utopias, as expressões políticas, culturais e artísticas estão presentes até hoje, e apesar das suas limitações e contradições, continuam alimentando e deixando em aberto as diferentes possibilidades de transformação social.

1.1 O 1968 Mexicano: as múltiplas interpretações

Há exatos quarenta e oito anos um movimento estudantil sacudiu significativa parte da sociedade mexicana. Há exatos quarenta e oito anos centenas de jovens, adultos, homens e mulheres tiveram suas vidas marcadas ou interrompidas por um fato traumático. Há exatos quarenta e oito anos ocorreu, no México, a XIX edição dos Jogos Olímpicos⁴⁹. Há exatos quarenta e oito anos a violência sangrou, mais uma vez, as páginas da história mexicana.

⁴⁶ “O termo “contracultura” foi criado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países [...] uma das características básicas do fenômeno é se opor, de diferentes maneiras, a cultura vigente e oficializada pelas principais instituições da sociedade do Ocidente”. PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1992, p. 13.

⁴⁷ RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.* p. 135.

⁴⁸ RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. *Op. Cit.* p. 211.

⁴⁹ As Olimpíadas de 1968 ocorreram entre os dias 12 e 27 de outubro de 1968.

Quais foram suas interpretações? Suas particularidades? O que já foi escrito? Não poderemos dar todas as respostas. Todavia, faremos uma breve revisão historiográfica a respeito do sessenta e oito mexicano, entendendo, a importância de tal tarefa antes de nos aprofundarmos na pesquisa proposta.

Em *El 68 y sus rutas de interpretación: una crítica historiográfica*⁵⁰ Héctor Jiménez Guzmán realiza um importante levantamento dos últimos quarenta anos acerca da historiografia do 68 mexicano. Como a quantidade de obras é volumosa e as escritas possuem perspectivas diferentes, o autor acabou dividindo as produções nos seguintes grupos: *os escritos da conjuntura, os escritos da prisão, os ensaios sobre a ruptura, a rota das interpretações militantes, os ajustes de contas com a memória e os arquivos da violência*. A partir dessa classificação vamos tentar discorrer um pouco sobre as características de cada conjunto de interpretações.

Obras como *El Gran Chantaje*⁵¹ e *Tlatelolco 1968. Díaz Ordaz tuvo razón*⁵² são exemplos de livros pertencentes, ao primeiro grupo, chamado *os escritos da conjuntura*. Foram trabalhos elaborados nos primeiros anos após o massacre de 1968. Seus autores buscaram reafirmar a visão oficial do governo do PRI em relação ao movimento estudantil⁵³. Mas, qual seria essa perspectiva? Dentro do contexto da Guerra Fria, os dirigentes do PRI tinham receio que forças comunistas pudessem implantar uma ditadura no país através de uma convulsão interna. Tais escritos representam essa perspectiva, entendiam o movimento estudantil como uma ameaça, pois, supostamente, forças externas estariam dentro do movimento para fazer a revolução comunista. Os militantes do movimento eram apresentados como subversivos, o que nesse caso, abrangia qualquer pessoa que simpatizasse ou aparentemente tivesse contato com a URSS, Cuba, China, ou qualquer grupo que pudesse ser relacionado ao dito comunismo internacional.

As obras classificadas como *os escritos da conjuntura* não foram a versão que mais se difundiu ao longo do tempo, por isso, não pretendemos nos aprofundar nelas. Talvez fosse interessante um trabalho que se debruçasse mais em tais escritos, tarefa que não poderemos exercer nesta pesquisa. Apenas pretendemos salientar a existência dos mesmos, os quais, em sua maioria foram produzidos com o objetivo de justificar as ações do PRI nos acontecimentos que conduziram ao Massacre de Tlatelolco.

⁵⁰JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Op. Cit.

⁵¹ RODRÍGUEZ LOZANO, Rubén. **El gran chantaje**. México:Ediciones Fomento de la Cultura, 1968.

⁵² ANDA, Gustavo de. **Tlatelolco 1968. Díaz Ordaz tuvo razón**. México : s.e, 1975.

⁵³ JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Op. Cit.

Do grupo os *escritos da prisão* fazem parte obras realizadas por membros do *Consejo Nacional de Huelga* (CNH), presos na prisão de Lecumberri, depois do massacre de dois de outubro de 1968. Em sua maioria são narrativas elaboradas a partir das experiências vividas pelos ativistas ou a partir de entrevistas com pessoas que estiveram presentes nas manifestações, na organização do movimento estudantil ou na Praça das Três Culturas no dia do massacre. Os autores desse grupo acabaram se tornando o que Jiménez Guzmán chamou de *líderes de 68*. Para ele “[...] la idea de líder del 68 terminó de afianzarse, con los años, cuando varios de estos activistas se convirtieron en las voces más recurrentes en las discusiones públicas sobre los acontecimientos de aquel año”.⁵⁴

Uma das obras identificada como parte dos *escritos da prisão* é *La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral*⁵⁵ de autoria da jornalista Elena Poniatowska. Sendo um dos primeiros livros lançados após os eventos, se constitui como um mosaico de vozes realizado através de entrevistas com diversos protagonistas. A autora contou com testemunhos de reconhecidos membros da CNH, pais e professores que participaram das mobilizações, manifestantes de outros setores que oferecem apoio ao movimento estudantil, e trechos de jornais da época. Uma questão metodológica a considerar é que a jornalista construiu seu livro a partir de entrevistas realizadas, principalmente, na prisão de Lecumberri. Devido à situação dos prisioneiros e diante do medo que os mesmos tinham de falar por causa da repressão, a autora não fez entrevistas com gravador, podendo apenas fazer anotações ao longo das conversas; assim, a maioria dos relatos não foi transcrito, sendo feito uma reconstrução dos testemunhos orais a partir das suas anotações. Por essa razão:

La obra más conocido sobre el 68 es una compilación de varios relatos que oscila entre la curiosidad histórica, el oficio literario y la reivindicación política. Por sus características narrativas, el libro de Poniatowska no se planteó el objetivo de construir una historia “objetiva” o académica del movimiento estudiantil, sino más bien una sistematización de la memoria acallada por la censura y la represión⁵⁶.

Outro exemplo dos *escritos da conjuntura* é o livro *Los días y los años*⁵⁷, de Luis González Alba quem escreve sobre sua experiência durante os meses em que ocorreram os acontecimentos. Obras como *Los procesos de México 68: acusaciones y defensa*⁵⁸ e *Libertad*

⁵⁴ Ibidem, p. 54.

⁵⁵ PONIATOWSKA, Elena. Op. Cit.

⁵⁶ JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Op. Cit. p. 60.

⁵⁷ ALBA, Luis González de. Op. Cit.

⁵⁸ **Los procesos de México 68: acusaciones y defensa**. México: Editorial Estudiantes, 1970.

*bajo protesta*⁵⁹, além de discorrerem também sobre o sessenta e oito mexicano, constituíram um corpo documental de denúncia acerca das arbitrariedades que o governo havia cometido contra o movimento estudantil⁶⁰.

Esses quatro trabalhos citados anteriormente são exemplos dos primeiros livros lançados a partir da perspectiva e da memória de quem viveu o 1968 mexicano. Assim, mostram, principalmente, a visão dos ativistas do movimento estudantil, diferentemente dos *escritos da conjuntura*.

Até agora demos exemplos de obras escritas a partir do ponto de vista “oficial”, vindas do governo do PRI ou de seus simpatizantes e da perspectiva de certos protagonistas do movimento estudantil. Todavia, o terceiro grupo apresentado por Jiménez Guzmán irá marcar um rompimento com essas duas interpretações: de fato os *ensaios sobre a ruptura* constituem um conjunto de obras escritas a partir da intenção de seus autores de analisar as marcas que o movimento estudantil de 68 deixou no México. A partir de estudos acadêmicos tais autores buscaram compreender o contexto histórico em que se gestaram aqueles acontecimentos, chegando à conclusão de que esse ano marcou uma ruptura histórica para a sociedade mexicana.

Entre as obras pertencentes aos *ensaios da ruptura* podemos citar *El movimiento estudiantil*⁶¹ y *el PRI*, de Salvador Hernández, o qual analisa o caráter violento do regime priista para lidar com seus opositores. Também se inclui no grupo *El movimiento estudiantil y los problemas nacionales*⁶² de Rosalío Wences Reza, que analisa a transição do movimento estudantil de uma lógica mais reformista para outra revolucionária. Ainda, Jiménez Guzmán enquadra nos *ensaios da ruptura* o livro *Posdata*⁶³, de Octavio Paz, que caracteriza o movimento estudantil como popular e reformista. Também inclui *México: una democracia utópica. El movimiento estudiantil del 68*⁶⁴ de Sergio Zermeño, o qual analisa os acontecimentos de julho a outubro de 1968 através de um olhar estrutural, caracterizando o movimento estudantil como popular. Estes trabalhos se encaixam em *ensaios da ruptura*, pois:

⁵⁹ CASTILLO, Heberto. **Libertad bajo protesta, historia de un proceso**. México: Federación Editorial Mexicana, 1973.

⁶⁰ JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Op. Cit.

⁶¹ HERNÁNDEZ, Salvador. **El PRI y el movimiento estudiantil de 1968**. México: El Caballito, 1971.

⁶² REZA, Rosalío Wences. **El movimiento estudiantil y los problemas nacionales**. México: Editorial Nuestro Tiempo, 1971.

⁶³ PAZ, 1996.

⁶⁴ ZERMEÑO, Sergio. **México: una democracia utópica. El movimiento estudiantil del 68**. México: Siglo XXI, 1978.

[...] se caracterizan por un abordaje más riguroso, cuyo objetivo esencial fue propiciar un análisis tanto retrospectivo como prospectivo del 68 [...]. En conjunto, se trata de voces que, a partir de un ejercicio interpretativo, pretenden hallar en los acontecimientos del 68, lecciones para los tiempos futuros [...]. El movimiento estudiantil fue visto entonces como un momento de ruptura que irrumpió de manera definitiva en la estructura política y cultural. El concepto de ruptura a la que aludían los diferentes ensayos que componen a este grupo de obras posee distintos enfoques⁶⁵.

Seguindo para o próximo agrupamento de obras encontramos a *rota das interpretações militantes*. Dentro desse grupo temos a perspectiva dos militantes comunistas que escreveram sobre o tema. Obras como *Tlatelolco. Reflexiones de un testigo*⁶⁶, de Gilberto Balam, *Sobre el problema estudiantil-popular (Cartas desde la prisión)*⁶⁷, de Gerardo Unzueta e *De la Ciudadela a Tlatelolco (México: el islote intocado)*⁶⁸, de Edmundo Jardón, buscaram “clarificar cuál sería el papel del proletariado (y su vanguardia comunista) en este proceso de un inminente estallido social”.⁶⁹

Outra questão pautada pelo conjunto das obras vinculadas à *rota das interpretações militantes* engloba a discussão sobre se o movimento estudantil tinha um caráter revolucionário ou reformista. Tal debate teria surgido em 1978, no décimo aniversário de 68. Importante salientar que essas reflexões ocorrem principalmente dentro das revistas de esquerda criadas na década de 1970, caso de “*Punto Crítico* (1972), *Cuadernos Políticos* (1974), *Vuelva* (1976), *Proceso* (1976), *Fem* (1976), *Unomásuno* (1977) y *Nexos* (1978)”⁷⁰. Sobre o traço revolucionário temos o exemplo da obra *México 68: juventud y revolución* de José Revueltas, quem reconhece no perfil de ação política estudantil uma espécie de autogestão revolucionária. No entanto, a maioria das reflexões em relação ao debate interpretou o movimento estudantil como democrático e reformista.

O quinto grupo, *ajustes de contas com a memória*, é pautado pela disputa da memória de 68. Nesse sentido:

[...] el ámbito de la recuperación histórica del tema se ha convertido en el producto de una tensión permanente entre aquellos actores que han reconstruido versiones sobre lo que sucedió ese año o que, simplemente, han usado la referencia a dichos acontecimientos para legitimar su trayectoria pública⁷¹.

⁶⁵ JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Op. Cit. p. 209.

⁶⁶ BALAM, Gilberto. **Tlatelolco. Reflexiones de un testigo**. México: Costa-Amic, 1969.

⁶⁷ UNZUETA, Gerardo. **Sobre el problema estudiantil-popular (Cartas desde la prisión)**. México: Fondo de Cultura Popular, 1969.

⁶⁸ JARDÓN, Edmundo. **De la Ciudadela a Tlatelolco (México: el islote intocado)**. México: Fondo de Cultura Popular, 1969.

⁶⁹ JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Op. Cit. p. 109.

⁷⁰ Ibidem, p. 117.

⁷¹ Ibidem, p.139.

Assim, a história de sessenta e oito não está fechada, foi e ainda é construída a partir de análises acadêmicas, mas também, da memória dos que viveram naquele contexto. Uma das polêmicas acerca dessa disputa de memória transita em torno da perspectiva do antigo militante González de Alba. Em *1968: La fiesta y la tragedia*⁷² ele aponta que o movimento estudantil não foi tão revolucionário nem tão combativo no processo de democracia, como a maioria de seus colegas militantes interpretaram. Para González Alba o movimento foi para as ruas por motivos relacionados às liberdades cotidianas, para fazer festa e, principalmente para contestar a sociedade mexicana, que era patriarcal, estática e autoritária.

Por último, temos o grupo de obras chamado *archivos da violência*, caracterizado por trabalhos que buscaram compreender as articulações do governo do PRI, principalmente envolvendo a estrutura de inteligência e a policial, para reprimir violentamente o movimento estudantil. O primeiro deles é *1968: Los archivos de la violencia*⁷³ de Sergio Aguayo; nele, o autor procura, através de pesquisa realizada em documentos policiais e governamentais aos quais teve acesso, entender a lógica da estratégia governamental para acabar com a pressão contestatória.

A partir dos anos 2000 as pesquisas sobre a violência do Estado mexicano aumentaram, principalmente depois da criação da Lei Federal de Transparência e Acesso à Informação Pública Governamental de, 30 de abril de 2002, e da criação do Instituto Federal de Acesso à Informação (IFAI). Muitos documentos até então interditados, a partir dessas medidas, se tornaram acessíveis. A obra *El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968*⁷⁴ de Raúl Jardón, que trata da espionagem de membros da CNH por parte da Direção de Seguridade Federal, é um exemplo de trabalho realizado após a abertura de alguns arquivos ao público. Os trabalhos classificados no grupo *archivos da violência* trouxeram à tona, através de pesquisas documentais, o que o boletim de imprensa do *Consejo Nacional de Huelga* já havia afirmado um dia após o Massacre de Tlatelolco:

*[...] la represión haya llegado a un punto nunca alcanzado en un país civilizado, negando el derecho de expresión, de unión o manifestación, asesinando y encarcelando a los estudiantes [...]. Una vez más, el gobierno ha enlutado con la sangre de nuestros camaradas la causa del pueblo [...].*⁷⁵

⁷² ALBA, Luis González de. **La fiesta y la tragedia**. In: *Nexos*, nº 189, setembro de 1993.

⁷³ AGUAYO, Sergio. Op. Cit.

⁷⁴ JARDÓN, Raúl. Op. Cit.

⁷⁵ **LAS LUCHAS Estudiantiles en el mundo**. Buenos Aires: Galerna, 1969, p. 380.

A divisão realizada e proposta por Héctor Jiménez Guzmán não deve ser entendida como a única possível e nem utilizada como algo mecânico. Todavia, a revisão historiográfica feita por ele nos ajuda a entender o caráter múltiplo das interpretações a respeito do movimento estudantil de sessenta e oito no México. Quarento e oito anos depois o Massacre de Tlatelolco continua nos intrigando, e, certamente, ainda não está totalmente escrito, refletido, compreendido. Nossa pesquisa provavelmente se enquadra no que Jiménez Guzmán denomina de *archivos da violência*, pois, pretendemos enriquecer a reflexão teórica em relação à repressão e violência sofrida por um movimento, que um dia ousou sonhar e lutar.

1.1.1 O Movimento Estudantil Mexicano: analisando as e os sujeitos históricos

O movimento estudantil do México de 1968 foi marcante, sua história até hoje é mirada, revisada e segue aquecendo debates. Antes de adentrarmos nas questões relacionadas à violência sofrida por quem ousou contestar, pretendemos apresentar o movimento em si, composição, correntes ideológicas, seus objetivos, sua organização, etc. Mesmo sabendo que nem toda pergunta possui uma resposta fechada, tentaremos fazê-lo a partir da reflexão sobre as bases de pesquisa deste trabalho.

Primeiramente, é importante destacar o contexto político, econômico e social do período em que o movimento estudantil se intensificou. Na década de 1960 o partido que governava o país era o PRI, tal entidade política estava no poder desde 1930. A hegemonia do poder do PRI pode ser explicada, como expõe Peter Smith, através de três fatores principais: os vínculos do partido com os Estados Unidos, o equilíbrio político e o crescimento econômico. O governo mexicano desde décadas atrás, vinha praticando políticas de proteção da sua economia através de duas medidas essenciais: o aumento do custo das importações de produtos básicos, e a industrialização de substituição de importações. Tais ações fortaleceram a moeda mexicana, estabilizaram a inflação e criaram a ideia de progresso econômico, o que foi essencial para estabelecer relativa estabilidade⁷⁶.

Esse progresso econômico gerou um maior crescimento urbano e, conseqüentemente, fortaleceu a classe média, que passou a ser a maior base de apoio do PRI. No entanto, apesar dessa melhoria econômica, grande parte da população não estava contemplada; por exemplo,

⁷⁶ SMITH, Peter H. México 1946-1990. In: BETHELL, Leslie (org). **História da América Latina: 13 – México y el Caribe desde 1930**. Cambridge University Press, 1998.

em 1960 78% da renda disponível do país chegava só a 10% da sociedade mexicana⁷⁷, ou seja, apenas a elite e a classe média podiam gozar desse “milagre econômico”. A partir de 1950, as mobilizações, por parte dos setores que não eram privilegiados pelo governo se intensificaram; uma das maiores expressões foi a grande greve dos ferroviários de 1958. No entanto, o governo controlava sindicatos, e contava com o apoio de uma imprensa que tinha poder absoluto o que dificultava a organização dos movimentos populares e de oposição⁷⁸. Além disso, o PRI utilizava a repressão como resposta às manifestações ou greves prendendo e, muitas vezes, assassinando quem ousasse questionar sua forma de governar.

Em 1968, mesmo tendo uma economia dependente do capital estrangeiro (principalmente dos Estados Unidos) o governo do PRI liderado pelo presidente Gustavo Díaz Ordaz, precisava mostrar para o mundo que o México era um país bem-sucedido. Nesse sentido Elena Poniatowska expõe:

El PRI-gobierno intentaba demostrarle al mundo que había que seguir invirtiendo en México, que nuestro país era un modelo a seguir, que el futuro de América Latina dependía de nuestra guía, que éramos su hermano mayor, el vecino confiable e interlocutor de los EUA - el país más poderoso de la tierra⁷⁹.

Ter sido o primeiro país da América Latina a ser escolhido para sediar uma olimpíada foi uma espécie de presente para o PRI, que fazia de tudo para que o evento ocorresse de forma brilhante. Foi nesse cenário que o movimento estudantil tomou corpo. Durante os meses de julho, agosto e setembro a mobilização estudantil foi uma grande preocupação para o governo do PRI, principalmente, porque ao decorrer dos meses se tornou um movimento de massa.

Cerca de 200 mil estudantes, em sua maioria pertencentes à classe média, participaram mais ativamente das mobilizações. Provinham de diversas instituições de ensino, como da Universidade Nacional Autónoma de México, do Instituto Politécnico, das Escolas Normales, da Escola Nacional de Agricultura de Chapingo, etc.

Ideologicamente o movimento era plural, havia: “comunistas, trotskistas, democratas-cristãos, espartaquistas, maoístas, guevaristas, socialistas, entre outros”⁸⁰. O núcleo

⁷⁷ Pesquisa de Ifigenia Martínez, Escola de Economia. Retirada de: KURLANSKY, Mark. Num lugar asteca. In: KURLANSKY, Mark. **1968 o ano que abalou o mundo**. Rio de Janeiro, José Olympo, 2005.

⁷⁸ NIEBLA, Gilberto Guevara de. **1968: Largo Camino a la democracia**. Cal y Arena, México, D.F, 2008.

⁷⁹ PONIATOWSKA, Elena. 1968 abrió un porvenir. *Revista de La Universidad de México – UNAM*. México D.F., n 56 (Nueva Época), Octubre, p. 07. Disponível em: <<http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/5608/poniatowska/56poniatowska.html>>. Acesso em 10/08/2016.

⁸⁰ MISKULIN, Sílvia Cezar. As repercussões do movimento estudantil de 1968 no México. **Anais eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**, Vitória, 2008, p. 03. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/silvia_miskulin.pdf>. Acesso em 15/10/2016.

organizacional era o CNH, estrutura assentada nas diretrizes emanadas das escolas em greve; estas decidiam os rumos e demandas das mobilizações.

Com a intensificação da repressão e a falta de diálogo do governo com o movimento o CNH elencou as principais demandas do movimento⁸¹. Particularmente forte era o peso da Universidade Autônoma do México (UNAM) e do Instituto Politécnico Nacional (IPN). Para isso, elaboraram um documento que identificava os seguintes pontos: liberdade de todos os presos políticos; revogação do artigo 145 (que regulamentava e propunha penas aos delitos de dissolução social); fim do corpo de granaderos (unidades de polícia especializadas em ações de combate a distúrbios públicos); destituição dos chefes de polícia Cueto, Mendiola e Frías (comandantes de repressões contra mobilizações); indenização aos familiares dos mortos e feridos desde o início do conflito (nota-se que assassinatos por parte do Estado ocorreram até mesmo antes do massacre em 02 de outubro); atribuição de responsabilidade aos funcionários culpados de assassinar e ferir manifestantes⁸².

A mobilização estudantil cresceu intensamente entre os meses de julho a outubro de 1968. Nessa conjuntura os estudantes tentaram englobar outros setores da sociedade, como os camponeses e os operários, porém, a conexão com essas classes não foi muito frutífera. A comunicação com os operários, por exemplo, era muito difícil, pois o governo detinha o controle da máquina sindical, utilizando-a para boicotar as tentativas de aproximação de iniciativa estudantil. Na tentativa de conseguir abrir um diálogo maior com operários e camponeses, demonstrar o que estava acontecendo e explicar suas demandas os estudantes, dentro da CNH, criaram Brigadas de Informação que procuravam romper com o monopólio da imprensa associada ao governo. Essas Brigadas tiveram um papel muito relevante, através delas muitas pessoas acabaram obtendo informações que lhes eram totalmente negadas na grande imprensa.

Dentro dessas Brigadas a atuação das mulheres era significativa. No entanto, as experiências das estudantes acabaram sendo abafadas pelas narrativas dos chamados *líderes de 68*⁸³. Trabalhos como *México 68: hacia una definición del espacio del movimiento. La masculinidad heroica en la cárcel y las “mujeres” en las calles*⁸⁴ de Deborah Cohen e Jessie

⁸¹ Sobre este assunto retomaremos mais adiante na página 43.

⁸² PONIATOWSKA, Elena. Op. Cit.

⁸³ Estudantes como Sócrates Campos Lemus, Heberto Castillo, Luis González de Alba, Paco Ignacio Taibo, Gilberto Guevara Niebla e Raúl Álvarez Garín tiveram um espaço significativo de fala, obtendo o protagonismo do movimento estudantil pós-68, se tornando “los portavoces de toda una generación de activistas políticos”. COHEN, Deborah; FRAZIER, Jessie Jo. México 68: hacia una definición del espacio del movimiento. La masculinidad heroica en la cárcel y las “mujeres” en las calles. *Estudios sociológicos* XXII: 66, 2014, p. 595. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59806603>>. Acesso em 30/03/2016.

⁸⁴ Idem.

Jo Frazier ajudam a desconstruir a ideia de que o movimento estudantil tinha como agentes só estudantes homens. Para isso, fazem uma análise a partir de entrevistas com mulheres que participaram do movimento estudantil; com isso, conseguiram mostrar que dentro de 68, haviam *outros 68*.

Nesse sentido, se voltarmos um pouco em nossa revisão bibliográfica podemos perceber rapidamente que não falamos a palavra mulher. Pois, bem, as mulheres estiveram presentes durante a experiência estudantil de 1968. Por que não ouvimos suas vozes? Tiveram elas uma participação tão insignificante a ponto que não merecem um espaço relevante de fala? Ou, não tiveram visibilidade por terem sido silenciadas por outras vozes? Onde estão as mulheres? Aliás, esses são alguns questionamentos que fazemos ao ler a respeito do 68 mexicano. Esses são questionamentos que fazemos ao ler sobre diversas experiências históricas.

Na tentativa de responder tais questionamentos vamos começar voltando para as Brigadas. Já sabemos que elas foram muito importante para a comunicação dos estudantes para com os demais membros da sociedade. O que pouco se evidencia é que a participação das mulheres nessas Brigadas era tão expressiva que algumas, inclusive, eram compostas apenas por mulheres⁸⁵. Dentro das mesmas, a maioria das mulheres era responsável por realizar tarefas sociais e culturalmente compreendidas como femininas, tais como cozinhar. Para tal tarefa tinham que sair pelas ruas a fim de comprar alimentos; nessa ação, cotidianamente estabeleciam contato com a população não estudantil, que não vivia a rotina e nem os problemas do meio acadêmico. Este tipo de estratégia aproximou as estudantes da população, fazendo com que elas se tornassem uma ponte de comunicação entre os dirigentes do movimento e as pessoas que desconheciam as demandas da mobilização.

Mas, dentro do CNH, qual era sua participação? De acordo com Cohen e Frazier elas não se tornaram líderes, mas algumas estudantes como Robería Avendaño e Ana Ignacia Rodríguez Márquez tiveram uma relevante participação. Mesmo não sendo os destaques políticos da CNH, as mulheres participavam consideravelmente das assembleias universitárias. Cohen e Frazier destacam que muitas vezes as estudantes se sentiam acudadas nas assembleias pelos companheiros de movimento⁸⁶. Por serem mulheres e viverem numa sociedade patriarcal sofriam dupla opressão: por um lado eram intelectualmente inferiorizadas por seus pares de luta estudantil, tendo pouco espaço de fala nas assembleias; por outro, eram

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.

consideradas incapazes de pensar a política pelo governo e grande parte da sociedade mexicana.

No entanto, o mesmo sistema que oprimia e silenciava a participação política das mulheres, abria uma brecha para que elas fossem importantes estrategistas dentro das mobilizações. Nesse contexto, as estudantes conseguiam abrir brechas nas barreiras repressivas do Estado; por não serem conceituadas como agentes políticos, se infiltravam em lugares que muitos militantes homens não podiam estar; também levavam mensagens e até mesmo conduziam dirigentes do movimento para outros locais. Além disso, as estudantes que pertenciam às classes mais abastadas utilizavam seus privilégios em prol do movimento, como, por exemplo, usar carros da família para o transporte de ativistas. Assim, elas, aparentemente inofensivas para a sociedade, eram responsáveis por tarefas significativas para a continuidade da mobilização.

Essas mulheres, além de correr o risco de serem reprimidas pelo Estado, enfrentavam conflitos familiares pelo simples fato de estarem participando de um movimento político. Enquanto os homens tinham muito mais apoio em casa, elas eram proibidas, muitas vezes, de ir às manifestações. Mesmo diante dessa dificuldade, característica de uma sociedade patriarcal, muitas estudantes conseguiram levar o movimento para dentro da família, falavam com seus pais e conseguiam convencê-los da importância das reivindicações coletivas, chegando até, algumas vezes, a trazerem seus familiares para dentro das mobilizações estudantis.⁸⁷

Nesse sentido, é importante destacar que o movimento de 1968 possibilitou às mulheres um maior contato com a política, com leituras, vivências, questionamentos, antes inexistente ou pouco praticado. Assim, podemos compreender que:

Los relatos femeninos contradicen la idea común de que las mujeres “sólo” cocinaban o que en realidad no participaron. Sus historias revelan en cambio, lo mucho que en verdad estaban involucradas y nos llevan a una interpretación del 68 como un movimiento con amplias bases sociales, que no sólo cuestionaba el autoritarismo en el escenario político formal, sino también en el ámbito doméstico⁸⁸.

Portanto, mil novecentos e sessenta e oito também foi das estudantes mulheres. Parece tão óbvio isso, não? Pois, naquela época não era. O impacto da participação das mulheres no movimento estudantil também pode ser visto como um divisor de águas dentro da sociedade mexicana. A partir dessa experiência muitas delas começaram a questionar a sociedade de

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Ibidem, p. 629.

forma mais combatente e crítica, perceberam ou tiveram a certeza que ao lutar por mais democracia, estavam lutando também por uma maior igualdade entre homens e mulheres. Apesar de suas vozes terem sido silenciadas pelo discurso hegemônico dos *líderes de 68*, suas presenças tiveram consequências significativas nas relações de gênero. Participar do movimento abriu maiores caminhos que foram percorridos por essas e por outras mulheres, caminhos de luta, caminhos de ruptura com a sociedade patriarcal.

Encerramos esse capítulo destacando que o movimento estudantil de 1968 tanto no México como em outros países do mundo foi ideologicamente plural, foi contestador, foi sonhador, foi utópico. A bibliografia sobre o ano de 1968 é volumosa. Não tivemos a pretensão de nos aprofundarmos nessa tarefa historiográfica, mas sabemos que é importante refletir, mesmo que, brevemente, sobre o que já foi escrito a respeito desse destacado ano. Também, tivemos a intenção de fazer uma breve análise a respeito das e dos sujeitos que compunham tal movimento, pois foram eles e elas que sofreram dura repressão do Estado, violências as quais ao longo desse trabalho vamos procurar entender através do conceito de Terrorismo de Estado.

2 DAS CONTESTAÇÕES ESTUDANTIS AO TERRORISMO DE ESTADO

*[...] la matanza del 2 de octubre es una de las masacres más evidentes de los comienzos del terrorismo de Estado en América Latina*⁸⁹.

A jornalista Elena Poniatowska afirmou que o Massacre de Tlatelolco foi uma ação terrorista realizada pelas mãos do Estado. Assim, como Poniatowska, as famílias e amigos das vítimas assassinadas pelas ditaduras de Segurança Nacional do Cone Sul utilizaram o conceito de Terrorismo de Estado a fim de denunciar os crimes cometidos por esses regimes. Somente a partir de 1980 o conceito de Terrorismo de Estado começou a ser empregado como uma possível categoria de análise, principalmente, para estudar os golpes de Estado assentados nas diretrizes da Doutrina de Segurança Nacional. No caso do México, não houve uma significativa utilização do termo em estudos mais aprofundados sobre o regime priista e o movimento estudantil de 1968. Aparentemente “en México se ignora que el Estado ha practicado el terrorismo de Estado”⁹⁰.

Nesse sentido, buscamos aferir se no México, assim, como ocorreu no caso das ditaduras latino-americanas de Segurança Nacional houve prática de Terrorismo de Estado, mesmo que respeitando a possibilidade da existência de singularidades. Assim, antes de analisarmos as tensões entre o governo do PRI e o movimento estudantil mexicano de 1968, vamos discorrer brevemente a respeito do conceito de Terrorismo de Estado. Para isso, utilizaremos como base teórica as contribuições de Enrique Serra Padrós, Ernesto Garzón Valdés e Caroline Silveira Bauer.

Foi durante a Revolução Francesa de 1789 que a expressão Terrorismo de Estado foi aplicada pela primeira vez, principalmente para nomear “as ações do tribunal revolucionário, onde a violência sistemática foi utilizada contra os adversários políticos do governo”⁹¹. A partir do século XX a palavra terrorismo passou a ser utilizada de forma ampla, pois as práticas que a sociedade entende como terroristas foram empregadas entre diversos grupos,

⁸⁹ PONIATOWSKA, Elena. Op. Cit, p. 17.

⁹⁰ VELÁZQUEZ VILLA, Hugo. **Memoria, Violencia, Política y Terrorismo de Estado en México**. [Palestra] Dezembro, 2011, p.02.

⁹¹ BAUER, Caroline Silveira. **La ditadura brasileña y el concepto de terrorismo de Estado: Contribuciones de la experiencia argentina**. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007. p. 03. Disponível em: < <http://cdsa.academica.org/000-108/1018.pdf> > Acesso em 25/09/2016.

sejam eles religiosos ou paramilitares e entre governos, tanto de cunho democrático ou autoritário. Por ser um conceito muito usado durante os séculos XX e XXI, a interpretação e aplicação dele como uma categoria de análise é um desafio aos que ousam enfrentá-lo⁹².

A palavra terrorista às vezes é empregada como “um recurso apelativo e de desqualificação que pretende associar o denunciado com um suposto caráter desumano”⁹³. Esse elemento chamado de “terrorista” representa um perigo para as demais pessoas da sociedade e, portanto, deve ser repreendido. Mas, quem é essa pessoa “terrorista”? Muitas vezes, não importa saber quem realmente é ou sua caracterização mais precisa; se essa pessoa for marcada como “terrorista”, então, o será. O emprego da palavra terrorista foi intensamente utilizado por militares e políticos latino-americanos e estadunidenses na tentativa de identificar como tal pessoas ou grupos ligados a movimentos revolucionários ou reformistas no século XX, a fim de deter possíveis processos de mudanças de cunho nacionalista radical socialista ou comunista.

Por uma questão de lógica, um terrorista seria, em tese, alguém que pratica o terror ou terrorismo. Mas, o que é praticar um ato terrorista? Podemos compreender como um ato violento praticado por um ou mais indivíduos com o objetivo de criar terror, medo e intimidação nas vítimas e na própria sociedade civil que as cercam. Mas, propagar o terror pode ser uma prática tanto do Estado, quanto de pessoas alheias a ele. No entanto, são categorias diferentes de terrorismo:

Em realidade, há uma diferença fundamental entre elas que está implícita no fato de que qualquer cidadão que tenha sido agredido nos seus direitos, liberdades ou propriedades por outros indivíduos, sempre tem (ou deveria ter) a sua disposição as instituições públicas do Estado, às quais pode recorrer para sua defesa ou para exigir justiça. Porém, se a ameaça de agressão ou a agressão propriamente dita parte da esfera pública, o cidadão fica totalmente exposto, indefeso, pois, frente a essa situação, não existe nenhuma instância superior a qual recorrer dentro do território nacional⁹⁴.

Nesse sentido, quando um cidadão sofre uma violência que parte do Estado, o qual, por definição, deveria agir dentro do marco das leis e da constituição que o rege, acaba se sentindo acuado, sem saída, sem instância a recorrer, o que torna o Terrorismo de Estado significadamente mais criminoso que o terrorismo exercido por grupos ou indivíduos não-estatais. Mas, o que é Terrorismo de Estado? Quais as suas características? O que torna um

⁹² BAUER, Caroline S. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países**. Tese (Doutorado em História). PPG-História/UFRGS. Porto Alegre, 2011.

⁹³ PADRÓS, Enrique. Op. Cit. p. 60.

⁹⁴ Ibidem, p. 85 e 86.

Estado terrorista? Primeiramente, devemos atentar que a definição a qual propomos está vinculada com o terrorismo praticado por um Estado “resultante da dinâmica capitalista”⁹⁵ em que grupos sociais economicamente dominantes utilizam desse instrumento para combater tensões sociais e políticas.

Podemos caracterizar como Terrorismo de Estado um conjunto dos seguintes atributos:

A) Afirmación de la existencia de una “guerra vertical” con un enemigo infiltrado en todos los niveles de la sociedad, cuya finalidad es la eliminación de valores aceptados como absolutos por quienes detentan el poder. B) Delimitación imprecisa de los hechos punibles y eliminación del proceso judicial para la determinación de la comisión de un delito. C) Imposición clandestina de medidas de sanción estatal prohibidas por el orden jurídico oficialmente proclamado (torturas y homicidio, entre otras). D) Aplicación difusa de medidas violentas de privación de la libertad, la propiedad o la vida, con prescindencia, en muchos casos, de la identidad del o de los destinatarios de las mismas y de los actos u omisiones de los que puedan ser responsables; la aplicación de la violencia a víctimas inocentes contribuye precisamente a reforzar la “eficacia del terror”⁹⁶.

No caso dos governos de Segurança Nacional latino-americanos dos anos 1960 e 1970 a maioria possui os atributos ligados ao conceito de Terrorismo de Estado, mesmo que cada regime tenha sua particularidade e forma mais ou menos intensa, de praticar terror de Estado. Tais ações foram realizadas pela propalada necessidade de enfrentar a ameaça “subversiva” e comunista que ameaçava a sociedade. Mas, que ameaça seria essa? Por que essa ficção com um possível inimigo infiltrado? A perspectiva desses governos se consolidou devido à influência da Doutrina de Segurança Nacional criada pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria, espalhada pela América Latina por intermeio do que conhecemos como:

[...] Academias e Escolas de Guerra, formando quadros especializados a partir de uma série de preceitos básicos: a lógica da bipolaridade, e delimitação de zonas de influência pelas superpotências; a satanização do inimigo; a introdução de que o Estado e a Nação são organismos vivos passíveis de contaminação pelo vírus comunista (o que, por sua vez justifica um virulento anticomunismo)⁹⁷.

Assim, a lógica de bipolaridade política da Guerra Fria colocava o comunismo como inimigo dos Estados Unidos e de todas as nações amigas dos norte-americanos. Tendo, apoiado e influenciado diretamente os golpes de Estado latino-americanos, que colocaram no poder militares ligados às Academias e Escolas de Guerra, os Estados Unidos estavam com uma concreta força internacional para enfrentar o “perigo comunista”. Nesse complexo

⁹⁵ Ibidem, p. 85.

⁹⁶ VALDÉS, Ernesto Garzon. Op. Cit. p. 37 e 38.

⁹⁷ PADRÓS, Enrique. Op. Cit. p. 184.

sistema, a Doutrina de Segurança Nacional deveria ser implementada de qualquer forma, a nação deveria ser protegida nem que para isso fossem aplicadas políticas de Terrorismo de Estado. Ou seja, os Estados acabaram construindo uma guerra interna e externa contra qualquer pessoa ou grupo que por motivos subjetivos pudessem estar ligadas com o comunismo internacional, o que poderia ocorrer com qualquer cidadão. Para tanto, bastava que os agentes do Estado achassem qualquer pessoa considerada uma ameaça para o regime dominante, para que esta fosse imediatamente monitorada e o suspeito retirado de circulação, nem que para isso fossem utilizados mecanismos que ultrapassassem os limites estabelecidos pelas leis vigentes. Torturas, sequestros e assassinatos fizeram parte da metodologia que em nome da Segurança Nacional e da luta contra o “perigo comunista” foi desencadeada.

Esse clima de combate a setores considerados ameaçadores do statu quo, principalmente aqueles associados a perspectivas próximas ao comunismo e ao socialismo perdurou na América Latina durante décadas: no decorrer desse período muitas vidas foram assassinadas em nome da defesa e dos ideais ocidentais (capitalistas). Não excluimos o México desse contexto, pois como veremos, muitas práticas utilizadas pelo regime priista se aproximam do que conceituamos como Terrorismo de Estado.

2.1 O Governo do PRI e a metodologia repressiva

*Vivimos bajo un régimen que practica el terrorismo de Estado*⁹⁸.

As palavras da epígrafe acima, do historiador e filósofo mexicano Hugo Velázquez Villa, podem parecer duras, pois o México, diferentemente dos países do Cone Sul, não teve seus “anos de chumbo” associados a uma ditadura nos anos 1960 e 1970. No entanto, sabe-se que no período de 1965 a 1982, período conhecido pela historiografia como de “guerra suja”⁹⁹, milhares de pessoas ligadas ou associadas a grupos de guerrilha foram torturadas,

⁹⁸ VELÁZQUEZ VILLA, Hugo. Op. Cit. p. 06.

⁹⁹ Podemos caracterizar a “guerra suja” como uma metodologia de mecanismos ilegais utilizada pelo Estado que aplica violência indiscriminada, repressão e desaparecimento ilegal de pessoas, na luta contra indivíduos ou grupos identificados como inimigos do regime.

sequestradas e desaparecidas¹⁰⁰. Como é possível um governo considerado *a priori* democrático se envolver com práticas caracterizadas como Terrorismo de Estado?

Para responder tal questionamento vamos analisar a metodologia construída pelo regime priista para vigiar e reprimir os que ousavam questionar sua forma de governar. Os governos do PRI iniciaram sua tendência repressiva na década de 1940, quando deixaram de aplicar as demandas advindas da Revolução Mexicana, tais como a reforma agrária, passando a concentrar sua energia em atrair o capital estrangeiro a fim de industrializar o país. Foi nessa década, especificamente em 1947 que foi criada a *Dirección Federal de Seguridad* (DFS), a polícia política do governo e, indiretamente, do PRI. Essa instituição tinha como função espionar qualquer pessoa ou grupo que questionasse o governo.

Nos anos sessenta, o governo do PRI tinha muito mais que uma polícia política trabalhando para si, tinha um sistema integrado de segurança para acabar com qualquer foco de contestação e “perturbação da ordem”. De acordo com Sergio Aguayo o governo contava com as seguintes instituições e respectivas funcionalidades: a *Secretaría de Gobernación*, (responsável por administrar a segurança interna do país) e a *Dirección de Investigaciones Políticas y Sociales* (IPS) (que investigava e estudava os problemas políticos)¹⁰¹. Além dessas instituições o presidente Díaz Ordaz contava com:

[...] un grupo de agentes confidenciales, además de la Policía Judicial Federal (Procuraduría General de la República), el Servicio Secreto, el Cuerpo de Granaderos, la Policía Judicial y la Policía Preventiva en el Departamento del Distrito Federal. En asuntos de seguridad nacional, todos ellos eran coordinados, en principio al menos, por el secretario de Gobernación¹⁰².

Quando a situação ficava por algum motivo fora do controle dessas instituições, outras ajudavam a solucionar o problema. A *Administración de Correos*, por exemplo, informava os destinatários de cartas enviadas por opositores do PRI; o setor de *Comunicaciones y Transportes* era responsável pelo controle da comunicação; por fim, o *Departamento de Asuntos Agrarios y Colonización* vigiava os grupos campestinos¹⁰³. Esse sistema montado pelo PRI era comandado nos anos 1960 pelos seguintes personagens:

Gustavo Díaz Ordaz, quien ejercía el poder, no lo delegaba. A su derecha, Echeverría, el eficaz y servil subordinado pendiente de adivinar los más mínimos

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ AGUAYO, Sergio. Op. Cit.

¹⁰² Ibidem, p. 32.

¹⁰³ Idem.

deseos de su jefe. A la izquierda, Gutiérrez Barrios, el profesional de la inteligencia y la violencia¹⁰⁴.

Nos anos 1960, o PRI já possuía uma complexa estrutura montada para enfrentar qualquer movimento de oposição. As tensões entre o movimento estudantil e o governo – com o ápice no trágico “Massacre de Tlatelolco” – se intensificou. A violência do exército priista ficou exposta em pelo menos três casos exemplares: em 1958 na prisão massiva de trabalhadores ferroviários, em 1960, em Chilpancingo; e em 1961, na cidade de San Luis Potosí no ataque de franco-atiradores do Exército contra manifestantes.

No entanto, a violência não foi a única “arma” utilizada pelo regime; aliás, geralmente, constituía a última cartada. Para destruir um movimento ou grupo de oposição era necessário vigiá-lo, e para isso existia a DFS que desde 1947, espionava, prendia e torturava quem era suspeito de ser um “*mexicano malo*”¹⁰⁵. Nesse contexto, os membros do Partido Comunista Mexicano (PCM) eram os mais visados. Geralmente, nas manifestações ou greves, os membros do PCM acabavam detidos, pois o presidente Diaz Ordaz era profundamente anticomunista.

De acordo com Padrós o Terrorismo de Estado tem como ponto de partida a ligação entre instituições do Estado “por onde se intensifica o fluxo de informação produzido pelos serviços de inteligência, publicamente inacessível, e que afunila no Poder Executivo”¹⁰⁶. Essa rede de conexão de informações foi uma das principais ferramentas do governo mexicano utilizada para deter grupos opositores. O movimento estudantil, entre julho e outubro de 1968, não escapou da espionagem priista. Para aprofundar a essência dessa espionagem sobre o movimento estudantil, analisaremos dois documentos da DFS, ambos retirados da obra *El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968*, de Raúl Jardón¹⁰⁷.

O primeiro documento¹⁰⁸ trata de uma lista de pessoas envolvidas no movimento estudantil. Nessa lista, de 19 de agosto de 1968, temos 57 pessoas vinculadas à Universidade Autônoma do México (quatro professores e 53 estudantes). Também constam 41 indivíduos do Instituto Politécnico Nacional (IPN); dessas, apenas dois são professores. O interessante

¹⁰⁴ Ibidem, p. 38.

¹⁰⁵ Todos los disidentes (ferrocarrileros, médicos, navistas y estudiantes; izquierdistas, centristas o conservadores) fueron acusados por el gobierno y su partido de ser mexicanos malos y de estar al servicio de países extranjeros”. Ibidem, p. 92.

¹⁰⁶ PADRÓS, Enrique. Op. Cit. p.86 e 87.

¹⁰⁷ Os documentos da DFS presentes no livro de Raúl Jardón são somente acerca do que a DFS escreveu sobre o *Consejo Nacional de Huelga*. Tais documentos o autor obteve no Archivo General de la Nación a partir da abertura dos documentos da DFS em 2002.

¹⁰⁸ *Elementos que han intervenido en el movimiento estudiantil*. JARDÓN, Raúl. Op. Cit. p. 78 e 79.

dessa lista é a descrição feita sobre os estudantes do IPN, a maioria é mencionada como “*extremista*” e sobre alguns o informe identifica que “*estuvo en Cuba*”, o que pode indicar à DFS a necessidade de intensificar a atenção com pessoas que, possivelmente, estariam ligadas a Cuba. Todavia, Raúl Jardón, ao escrever acerca dessa lista atenta que ela estaria incorreta, pois apenas contaria com 24 membros da CNH. Além disso, a lista contém nomes de estudantes que haviam participado de mobilizações em 1966 e não em 1968. Para o autor, isso demonstra a falta de maior controle da DFS, sobre o movimento, que em agosto contava com uma massa expressiva de participantes¹⁰⁹. Apesar dos equívocos, se destaca a necessidade da DFS de identificar “nomes” e processar as informações obtidas. Qual poderia ser a função dessa lista? Se interpretarmos esse documento a partir do conceito de Terrorismo de Estado, identificamos nele uma suposta lista de “inimigos internos” a serem confrontados, ou seja, se faz nesse momento uma “política de controle”.

Outro documento¹¹⁰ relacionado à Doutrina de Segurança Nacional mostra a vigilância feita pela DFS em relação a possíveis agentes de inteligência da URSS, os quais estariam “*dictando las siguientes órdenes (a) acelerar la cantidad de operaciones estudiantiles con objetivo de controlar y dirigir futuros disturbios estudiantiles [...]*”¹¹¹. Para manter a segurança nacional é preciso estar atento, pois o inimigo pode estar infiltrado na sociedade. Seguindo esse documento¹¹² o inimigo infiltrado seria um agente do Serviço de Inteligência da URSS que estaria se comunicando com alguns estudantes mexicanos anti-governistas. A palavra *dirigir* é interessante de ser destacada, pois a partir dela se abre a interpretação que os estudantes e suas manifestações podem ser fruto de agitadores externos, ligados ao “perigoso comunismo internacional”.

Esses dois documentos podem conter erros de informação captada pela DFS, mas o que destacamos deles é que se encaixam nesse jogo complexo da Guerra Fria na América Latina. Jogo no qual os principais comandos derivam de concepções que expressão o Terrorismo de Estado e a Doutrina de Segurança Nacional. Nesse contexto, o Estado tem o seu aparelho de controle e segurança, a DFS, cuja função é detectar os elementos “inimigos” da nação; a Doutrina de Segurança Nacional designa que todo o cuidado é pouco para combater o comunismo internacional. Sabemos que o pensamento de combate ao comunismo na América Latina tem no topo de sua idealização os Estados Unidos. No México, a influência estadunidense e a presença de seus agentes de inteligência incidiram na política

¹⁰⁹ Ibidem, p. 71 e 72.

¹¹⁰ *La intervención soviética*. Ibidem, p. 71.

¹¹¹ Idem.

¹¹² Ver anexo 3.

interna mexicana, principalmente a partir da trama da espionagem e troca de informações entre os Estados Unidos e o governo priista.

2.1.1 *Big Brother is watching you*: EUA de olho no Movimento Estudantil

Na virada dos anos 50 para os 60, com o objetivo de barrar uma possível virada à esquerda da América Latina os Estados Unidos apoiaram golpes militares, interviram e espionaram a região. No caso mexicano, os estadunidenses não precisaram articular e apoiar golpes de Estado, pois as administrações priistas já estavam ao lado de seus interesses. A amizade entre as elites dos dois países fez com que a presença dos EUA, através de seus agentes de inteligência fosse intensa, tanto que a Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency* – CIA) contava com pelo menos 50 agentes em sua estação no México¹¹³.

A pressão estadunidense com o intuito de combater o “perigo comunista”, tanto no México, quanto em outros países latino-americanos, teve seu começo no final da Segunda Guerra Mundial. Para garantir a segurança interna e externa na região os *yanques* criaram uma rede de instituições, tais como: o Conselho de Segurança Nacional (*National Security Council* – NSC), em 1947; a CIA (1947); a Oficina de Segurança Pública (*Office of Public Safety*), em 1961; Academia Inter-americana de Polícia (*Inter-American Police Academy* – IAPA), em 1961. Além dessas instituições, podemos destacar também a “Escola do Exército Estadunidense para as Américas, na Zona do Canal do Panamá”¹¹⁴ e outras nos Estados Unidos, as quais permitiram a difusão da Doutrina de Segurança Nacional pela América através dos ensinamentos dados aos militares latino-americanos.

No México uma das pontes colaborativas entre os Estados Unidos e o governo priista se deu através da CIA, mais especificamente, pela atuação de Winston Scott, chefe da companhia em terras mexicanas de 1956 a 1969¹¹⁵. Scott era muito próximo do presidente Gustavo Díaz Ordaz. Com seus agentes elaborava e entregava relatórios ao presidente, nos quais constavam atividades atribuídas a grupos de esquerda; também fornecia suporte à DFS, ajudando a construir uma verdadeira rede de conexão nacional de serviços de inteligência.

¹¹³ AGUAYO, Sergio. Op. Cit.

¹¹⁴ PADRÓS, Enrique. Op. Cit. p. 118.

¹¹⁵ AGUAYO, Sergio. Op. Cit.

De acordo com o artigo *LITEMPO: Los ojos de la CIA*¹¹⁶, de autoria de Jefferson Morley e divulgado no site oficial do *National Security Archive*, a rede de espionagem da CIA no México recebeu o nome de LITEMPO. As duas primeiras letras LI “representaban el código de la Agencia para las operaciones en México” e TEMPO representava “una productiva y efectiva relación entre la CIA y un selecto grupo de altos funcionarios en México”¹¹⁷. A conexão entre Scott e o regime priista era tão bem arquitetada que os principais colaboradores do presidente Díaz Ordaz, Luis Echeverría (Secretario de Gobierno) e Fernando Gutiérrez Barrios (diretor da DFS) foram agentes de Scott.

A amizade do presidente mexicano com os Estados Unidos se justificava não só pelo anticomunismo, mas também, porque ter uma relação próxima com uma potência mundial, dava maior consistência e visibilidade internacional ao regime priista. Essa parceria permitiu que durante as mobilizações estudantis os agentes estadunidenses pudessem contar com informantes para elaborar relatórios sobre as manifestações a fim de que não escapasse, dos olhos *yanques*, qualquer possibilidade de eliminar uma possível subversão comunista.

Para elucidar a reflexão a respeito da rede de espionagem norte-americana sobre o movimento estudantil vamos analisar um documento retirado do *National Security Archive* intitulado *Troops Used to Help Quell Mexico City Student Riots*¹¹⁸. Trata-se de um relatório extenso de sete páginas, datado de 15 de agosto de 1968. Nele o agente da Agência de Inteligência de Defesa (*Defense Intelligence Agency – DIA*) descreve com detalhes as informações recebidas de seus informantes acerca das manifestações ocorridas entre 29 de julho a 13 de agosto de 1968. O foco desse relatório é a atuação do Exército para conter as mobilizações estudantis, bem como a descrição de seus aparatos e treinamentos.

Primeiramente, o agente relata que as tropas do Exército só foram acionadas a partir do dia 29 de julho; “*utilizadas para auxiliar a policía e a policía de choque (Granaderos) a desmanchar revoltas estudantis que saíram de controle na Cidade do México durante a semana que começou em 29 de julho de 1968*”¹¹⁹. No dia 30 de julho as tropas ficaram em alerta, pois, o “*Secretário de Defesa, Ten. Gen. Marcelino Garcia Barragan emitiu um pronunciamento público, declarando que os militares estavam prontos para ‘repelir qualquer*

¹¹⁶ MORLEY, Jefferson. **LITEMPO: Los ojos de la CIA**. 2006. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB204/index2.htm>>. Acesso em 24 de outubro de 2016.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ *Troops Used to Help Quell Mexico City Student Riots*. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB99/Doc86.pdf>>. Acesso em 24/10/2016.

¹¹⁹ Versão Original: “Mexican Army units stationed in Mexico City were utilized to assist police and riot police (Granaderos) in breaking up student riots which got out of control in Mexico City during the week commencing 29 July 1968”. Idem.

*agressão’ e que agiria ‘com toda a energia e força necessária’”*¹²⁰. Consta ainda, no documento supracitado que a tropa do Exército “*foi retirada das últimas duas escolas que estavam ocupando*”¹²¹ no dia 1º de agosto. Do dia 1º de agosto ao dia 13 do mesmo mês o agente prossegue:

*[...] a situação foi relativamente calma, mas volátil, com tráfego nos jornais de acusações e contra-acusações. Este geralmente envolvia a publicação de grandes propagandas de jornal (até com tamanho de página inteira). A linha oficial do governo pareceu colocar a culpa das desordens em influências ‘estrangeiras’, particularmente em esquerdistas, comunistas e Trotskistas*¹²².

Ao final da narração sobre as manifestações, o agente elabora série de avaliações sobre os argumentos. Destacamos entre eles o primeiro:

*1. Ao que tudo indica, os militares mexicanos agiram plausivelmente em ajudar a reprimir as desordens. O principal combate envolvendo tropas ocorreu durante a noite de 29-30 de julho quando dispersaram estudantes no Zócalo em um conflito que durou apenas em torno de 30 minutos. Relatos de testemunhas oculares indicam os militares podem ter agido um pouco firme demais, e é evidente que, uma vez acionadas, eles agiram com pouca hesitação. Houve pouca crítica da imprensa quanto ao papel dos militares nos protestos e os estudantes escolheram os Granaderos (polícia de choque) e a polícia regular para descarregar a maior parte da sua ira. Comentários particulares de “exagero” por parte do Exército têm sido ouvido, entretanto*¹²³.

Um quinto comentário traz a seguinte reflexão:

5. Um oficial do Exército mexicano [___] declarou num evento social [___] que o Governo mexicano havia “definido bem” que os protestos estudantis eram planejados por “esquerdistas e comunistas” que queriam trazer “descrédito” à Cidade do México pouco antes dos Jogos Olímpicos marcados para começar em outubro de 1968. Mostrando crescente preocupação das autoridades mexicanas em relação a mais desordens durante, ou antes das Olimpíadas, [___] visitou [___]

¹²⁰ Versão Original: “Secretary of Defense, Lt Gen Marcelino Garcia Barragan issued a public statement, declaring that the military ws ready ‘to repel any aggression’ na would act ‘with al energy and force necessary’ ”. Idem.

¹²¹ Versão Original: “were withdrawn from the last two schools they had been occupying”. Idem.

¹²² Versão Original: “[...] the situation was relatively quiet but volatile, with newspaper exchange of charges and countercharges. This often involved the placing og large newspaper advertisements (up to full-page in size). The official government line seemed to be blame the disorders on ‘foreign’ influences, particularly on leftists, communists and Trotskyites”. Idem.

¹²³ Versão Original: “1.By all accounts, the Mexican military perfomed creditably in helping to quell the disorders. The main engagement involving troops was during the nigrur of 29-30 July when they dispersed estudents in the Zocalo in a clash lasting only about 30 minutes. Some eye-witness accounts indicate they may have acted a little too firmily, and it is apparent that, once deployed, they acted with little hesitation. There has been little press criticissm od the military’r role in the riots and the students have selected the Granaderos (riot police) and regular for most of their anger. Private comment of “over-reaction” by the Army has been heard, however”. Idem.

solicitando material de treinamento a respeito do controle de tumultos. (Uma requisição solicitada foi despachada)¹²⁴.

O que esse relatório pode agregar ao nosso estudo? Em primeiro lugar, notamos a defesa feita pelo agente estadunidense quanto à atuação das forças militares. Esse apoio ao Exército mexicano por parte do agente pode estar relacionado com a necessidade imperiosa de que o governo barrasse possível subversão e que a arma mais poderosa disponível, seu Exército, tinha condições de reprimir as revoltas. O relatório mostra a preocupação dos EUA diante de uma situação que, em tese, não deveria preocupar seu país; porém diante do contexto da Guerra Fria, a política externa estadunidense procurava estar de olho em tudo que estivesse ao seu alcance, principalmente quando as informações oficiais do país espionado apontavam para supostas presenças de comunistas e esquerdistas em um país vizinho. O movimento estudantil mexicano não escapou dos olhares do “grande irmão”. De fato, os norte-americanos estiveram presentes o tempo todo ao lado do regime priista.

2.2 Precisamos salvar as Olimpíadas! A construção do “Inimigo Interno” sob a lógica da Doutrina de Segurança Nacional

Acredita-se que manifestações seguidas, e particularmente qualquer violência mais além, irá colocar em perigo o sucesso das Olimpíadas.¹²⁵

Em 1963 o Comitê Olímpico Internacional escolheu o México para ser a sede da XIX edição dos Jogos Olímpicos, o que ocorreria em outubro de 1968. O país seria o primeiro da América Latina a se tornar palco desse grande evento. O agente da DIA no relatório citado, atentava para preocupação com as manifestações estudantis, pois essas poderiam atrapalhar o êxito das Olimpíadas. A imagem internacional do México estava em jogo naquele momento; era preciso provar que um país latino-americano poderia receber com sucesso os Jogos Olímpicos. O triunfo olímpico era necessário, não só para o país, mas para o ego do Partido

¹²⁴ Versão Original: “5. A Mexican officer [] stated at a social function on [] that Mexican Government has ‘fairly-well established’ that the student riots were planned by ‘leftists and communists’ who wanted to bring ‘discredit’ on Mexico City shortly before the Olympic Games scheduled to start in October 1968. Reflecting growing concern of Mexican authorities concerning possible further disorders during or before the Olympic, [] visited [] requesting training material on the subject of riot control. (An expeditred requisition has been dispatched)”. Idem.

¹²⁵ Versão Original: “It is believed taht continued demonstrations, and particular any further violence, will endanger the success of the Olympics”. Idem.

Revolucionário Institucional. Foi nesse cenário de intensificação das tensões entre o movimento e o governo que foi se constituindo a construção do “inimigo interno” vinculado ao movimento estudantil.

O ponto de partida dos conflitos entre estudantes e governo se deu no final de julho. Após um jogo de futebol americano entre estudantes da UNAM e do IPN, ocorre violenta briga entre os adversários. Diante desse enfrentamento os *granaderos* (polícia especial mexicana) interviram violentamente, perseguindo, golpeando e prendendo alguns estudantes. Frente à violência desencadeada pelos *granaderos* os estudantes passaram a se manifestar durante os últimos dias de julho nas ruas do bairro universitário, localizado no centro da capital mexicana.

As tropas do Exército foram acionadas a partir do dia 29 de julho; essa presença marcou um episódio que pode ter mudado os rumos da mobilização estudantil: “el ejército tumbó de un bazucazo la puerta de la Preparatoria número 1, el histórico San Ildefonso”¹²⁶. O “bazucaço” fez com que Javier Barros Sierra, reitor da UNAM na época, se pronunciasse publicamente em apoio aos estudantes e contra a violência estatal. A mensagem do reitor foi apoiada por outros professores, intelectuais, artistas, pais de estudantes e até parte da classe operária e campesina. A partir desse momento, o movimento estudantil ganhou força e apoio.

Simultaneamente à falta de diálogo do governo com o movimento, os estudantes definiram os seus principais pontos de pauta: liberdade aos presos políticos, destituição de chefes da polícia da capital, revogação do artigo 145 (que regulamentava e propunha penas aos delitos de dissolução social), indenização às famílias dos mortos e feridos durante os confrontos e punição aos responsáveis pela repressão. Todavia, o que se destacava na imprensa era só a versão oficial do governo. Como vemos no seguinte trecho retirado do jornal *El Siglo de Torreón*: “[...] *el movimiento subversivo que viene desarrollando desde hace días, tiende a crear un ambiente de hostilidad para nuestro gobierno y nuestro país, en vísperas de los juegos olímpicos de octubre próximo*”¹²⁷.

Em agosto, as manifestações estudantis se aprofundaram; as mobilizações dos dias 13 e 27 ganharam uma presença maior de participantes. Variadas fontes indicam que a manifestação do dia 27 chegou a reunir entre 200 mil e 400 mil pessoas, o que mostra o comprometimento que a mobilização estudantil foi adquirindo. Ainda no dia 27, de acordo com agentes da IPS, às 19:20 horas foi içada uma bandeira vermelha e preta no centro da

¹²⁶ AGUAYO, Sergio. Op. Cit. p. 128.

¹²⁷ El Siglo de Torreón, 27 de julho de 1968. Disponível em: <http://h.elsiglodetorreon.com.mx/Repository/EDT/1968/07/27/091-EDT-1968-07-27-001-SINGLE-ORIGNAME_00109.PDF#OLV0_Entity_0011_0006>. Acesso em 24/10/2016.

praça, sendo baixada às 22:00 horas. No entanto, informes do governo afirmavam que a bandeira vermelha e preta continuava içada¹²⁸. Contudo há versões que indicam que esse fato seria uma provocação dos grupos paramilitares para desqualificar o movimento, como, por exemplo, a declaração do, então, Governador do Departamento do Distrito Federal, Rodolfo González Guevara, que dizia: “*llegó un grupo de los llamados halcones, empleados del Departamento, que bajaron la bandera nacional y levantaron una bandera de huelga que traían*”¹²⁹. Pode-se perceber nesse relato, a denúncia da ação de paramilitares enviados para desprestigiar o movimento estudantil, uma prática utilizada pelo regime priista contra outras mobilizações.

Ao final de agosto e início de setembro o governo priista consolidava os requisitos para justificar sua repressão. O movimento estudantil estava indo longe demais, haviam até desrespeitado a bandeira nacional ao colocar no lugar dela bandeira vermelha e preta¹³⁰! O inimigo estava definido. Mais, repetia-se incessantemente que no interior do movimento havia estrangeiros comunistas que influenciavam as manifestações e manipulavam os militantes no sentido de destruir o México.

No dia 1º de setembro, o presidente Díaz Ordaz pronuncia o IV informe presidencial em que deixa o seguinte recado:

*Se ha llegado al libertinaje en el uso de los medios de expresión y difusión; se ha disfrutado de amplísimas libertades y garantías para hacer manifestaciones... pero todo tiene un límite y no podemos permitir ya que se siga quebrantando irremisiblemente el orden jurídico [...]. La policía, pues, debe intervenir en todos los casos*¹³¹.

Nesse clima de ameaças, no dia 13 de setembro ocorre a “Manifestação do Silêncio”, uma das mobilizações mais expressivas do movimento estudantil mexicano de 1968. A marcha recebeu esse nome a partir de assembleias propostas pelo CNH. A ideia era mostrar ao governo e à opinião pública mundial que o movimento era organizado, sem subordinação a qualquer potência estrangeira e com objetivos bem traçados. Assim, afirmava-se:

¹²⁸ AGUAYO, Sergio. Op. Cit.

¹²⁹ Ibidem, p. 144.

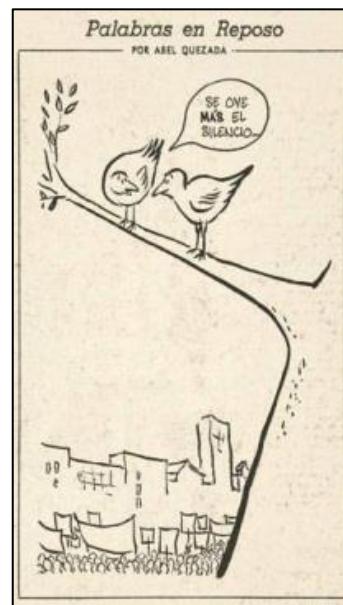
¹³⁰ As cores da bandeira podem estar associadas ao movimento anarquista, mas o vermelho e preto também é utilizado por outros movimentos de esquerda, como por exemplo, o Sindicato dos Eletricistas e atualmente o Movimento Zapatista.

¹³¹ Trecho Discurso del Lic. Gustavo Díaz Ordaz, al abrir el Congreso sus sesiones ordinarias, el 1 de septiembre de 1968. Disponível em: <http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1968_87/Mensaje_del_Cuarto_Informe_que_rindi_al_H_Congreso_293.shtml>. Acesso em 25/10/ 2016.

*Pueblo Mexicano: Puedes ver no somos unos vándalos ni unos rebeldes sin causa, como se nos ha tachado con extraordinaria frecuencia. Puedes darte cuenta de nuestro silencio*¹³².

A “Manifestação do Silêncio” teve grande adesão de participantes, e diferente dos protestos anteriores, os estudantes evitaram polêmicas e radicalizações. Ao contrário, o que mais se ouvia eram os passos dos manifestantes pelas ruas. Abaixo podemos ver uma representação artística interessante dessa marcha:

FIGURA 1 – Palabras en reposo



Fonte: *Excélsior*, 14 de setembro de 1968.

A charge de Abel Quezada representa o impacto do silêncio da marcha e o sucesso alcançado; seguindo a orientação da proposta do movimento estudantil, o silêncio tomou conta das ruas. A indignação com a repressão e falta de diálogo estava representada através desse ato. Todavia, isso não impediu que o governo reagisse com seu estilo padrão repressivo, ocupando muitas escolas envolvidas em protestos, e prendendo inúmeras lideranças. A ideia era prender os líderes da CNH durante a ocupação da Cidade Universitária, enquanto, “por todo México el ejército perseguía, detenía, interrogaba y amenazaba a estudiantes”¹³³. Esses eram os passos que o Estado estava dando para sufocar o movimento estudantil; seu plano estava baseado nas seguintes premissas:

¹³² Volante en la manifestación del 13 de septiembre. PONIATOWSKA, Elena. **La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral**. México: Ed. Era, 1985. 45 ed., p. 61.

¹³³ AGUAYO, Sergio. Op. Cit. p. 173.

a) detener al liderazgo estudiantil; b) acabar con el núcleo duro; c) amedrentar a los moderados y lanzar una advertencia hacia el futuro, y d) hacerlo de una forma que legitimara el uso de la fuerza¹³⁴.

Podemos comprender essa estratégia como uma das práticas de Terrorismo de Estado, pois a metodologia do terror de Estado não se concentra apenas em acabar com o “inimigo” de forma direta, mas também em criar estratégias repressivas que aos poucos sufocam e aterrorizam os membros dos grupos entendidos como “subversivos” e seus círculos concêntricos.

Para legitimar a violência utilizada contra o movimento estudiantil, o regime priista tinha uma forte cartada: os Jogos Olímpicos. As Olimpíadas de 1968¹³⁵ eram um presente para o México; era a oportunidade mostrar ao mundo o quanto o país era um exemplo de desenvolvimento moderno. Assim, no final de setembro os olhos do mundo estavam voltados para o México, e principalmente, para as tensões entre os estudantes e o governo, pois era um fator preocupante caso persistisse durante o evento olímpico. Para o regime priista havia urgência para resolver o impasse fosse como fosse. Portanto, focava suas forças com o intuito de acabar de vez com a revolta estudiantil antes das Olimpíadas serem inauguradas.

O suposto inimigo do Estado, infiltrado no movimento estudiantil, já vinha sendo construído desde agosto. A imprensa era uma das principais ferramentas para criar o clima de tensão na sociedade. Em um documento da *Secretaría de Gobernación*, chamado *Sugerencias*, encontram-se instruções para que os jornais, rádios, canais de televisão evitassem mencionar os termos “estudiantil, estudantes”; no lugar desses deveriam colocar “*conjurados, terroristas, guerrilleros, agitadores, anarquistas, apátridas, mercenarios, traidores, extranjeros, facinerosos*”¹³⁶. Tal iniciativa corresponde a uma medida de ação psicológica, outros dos campos de atuação do Terrorismo de Estado, que pretendiam gerar situações de instabilidade e fomentar o medo no conjunto da população, especialmente aquela que não estava compromissada com as demandas estudiantis.

¹³⁴ Ibidem, p. 218.

¹³⁵ Os jogos Olímpicos de 1968 foram um desafio a parte, pois “la posible participación de los racista África del Sur y Namibia provocó la amenaza de un boicot de los países africanos; la existencia de dos Coreas, dos Chinas y dos Alemanias llevó a interminables discusiones sobre el delicado tema de la representatividad; había el temor de que en México los republicanos españoles protestaran contra la España de Franco y que algunos anticomunistas realizaran operativos violentos contra la delegación cubana. Para completar el camino de espinas, en 1968 hubo sacudidas por la brutal invasión que hicieron los soviéticos de la ex Checoslovaquia, mientras que los atletas negros estadounidenses trasladaron a México la lucha por sus derechos civiles”. Ibidem, p. 194 e 195.

¹³⁶ RODRÍGUEZ MUNGUÍA. **La otra guerra secreta. Los archivos prohibidos de la prensa y el poder.** México: Random House Mondadori, 2007, p. 69.

Com a ajuda da imprensa o clima legitimador era criado para que qualquer atitude do governo como a ocupação das universidades e a perseguição de líderes estudantis fosse justificável. Afinal o discurso oficial alertava que a nação mexicana estava sendo vítima de um ataque subversivo. Nesse contexto podemos ver a semelhança do discurso de segurança do Estado mexicano com os das ditaduras do Cone Sul; todos inspirados na Doutrina de Segurança Nacional. Esse clima de tensão alimentado pela Guerra Fria e Doutrina de Segurança Nacional, disseminada pelos Estados Unidos, deve ser incorporado na análise do processo que desencadeou o Massacre de Tlatelolco.

2.2.1 O Massacre de Tlatelolco: o ápice do Terrorismo de Estado

*Una verdad histórica jamás definitiva.*¹³⁷

Os eventos ocorridos no dia dois de outubro de 1968 ainda hoje continuam sendo pouco conhecidos. Sua história segue sendo revisitada a cada ano, a cada aniversário. O que pretendemos aqui não é tentar descobrir informações jamais ditas, mas sim analisar esse trágico acontecimento da história do México como uma ação decorrente do Terrorismo de Estado. Chamamos de ápice do Terrorismo de Estado, pois como vimos o regime priista vinha há tempos realizando ações e estratégias assentadas na violência estatal sob as diretrizes da Doutrina de Segurança Nacional. A utilização do Exército como instrumento contra-insurgente, a perseguição de líderes da oposição, a aplicação de torturas, o recurso a prisões massivas, a espionagem e o monitoramento de cidadãos, a ocupação de universidades e a construção de um clima de tensão e terror através da criação de um suposto inimigo infiltrado, foram mecanismos explícitos de violência estatal que consumados estruturavam uma política de Terrorismo de Estado. Tudo isso era justificado com o argumento de que era essencial manter a segurança da nação mexicana. O Massacre de Tlatelolco acabou sendo parte dessa lógica de controle e imposição e, para o movimento estudantil, o cruel desfecho que o descabeçaria durante anos.

¹³⁷ AGUAYO, Sergio. **De Tlatololco a Ayotzinapa: Las violencias del Estado**. México, Editorial INK, 2015, p.88.

Antes de entrarmos nos detalhes do fatídico acontecimento ilustramos abaixo um mapa e uma imagem da Praça das Três Culturas em Tlatelolco, a fim de facilitar a compreensão dos fatos.

FIGURA 2 – Mapa de Tlatelolco



Fonte: Google Maps.

FIGURA 3 – Praça das Três Culturas



Fonte: La Gazette des Français de l'Amérique Latine et des Caraïbes.

Mas, afinal, o que aconteceu dia dois de outubro? Elena Poniatowska conta que a partir das 17h30min desse dia aproximadamente 10 mil pessoas já estavam presentes na Praça das Três Culturas para ouvir os discursos dos representantes do *Consejo Nacional de Huelga*. Naquele fim de tarde a multidão era composta, além de estudantes, por crianças, donas de casa com seus filhos, vendedores ambulantes, operários (principalmente os ferroviários), senhores de idade, curiosos, jornalistas estrangeiros e nacionais (faltavam exatamente 10 dias para começar a XIX Olimpíada, por isso a presença dos jornalistas) entre tantas outras pessoas¹³⁸. O clima era tranquilo. Mesmo os dirigentes sabendo da existência de um forte esquema de segurança ao redor, não imaginavam o que aconteceria logo depois. Efetivamente, uma forte composição de funcionários do governo se posicionava nas proximidades, “había entre 5 000 y 10 000 militares, policías y paramilitares con una enorme capacidad de fuego”¹³⁹. Em determinado momento quando um dos oradores falava, a luz de um sinalizador chamou a atenção dos manifestantes. Ao mesmo tempo em que olharam para a luz, começaram os disparos contra eles.

O medo e a correria foram imediatos; na praça quem não era atingido pelas centenas de balas que eram atiradas desde os prédios vizinhos, tentava correr para algum lugar seguro. Os disparos intensos duraram aproximadamente meia hora, mas para quem virava alvo aleatório pareceram durar uma eternidade. Embora diminuíssem depois, não cessaram durante muitas horas.

O que estava por detrás dessa terrível sequência de tiros? Havia um plano do governo que se baseava no seguinte comando: após um sinal predeterminado, os franco-atiradores deveriam atirar contra a multidão, isso faria com que o caos se espalhasse e a partir disso, prisões massivas deveriam ser realizadas. Esse plano seguiu a seguinte ordem de operação:

1) la **Operación Galeana**, una manobra envolvente diseñada para dispersar a los manifestantes; 2) el **Batallón Olimpia**¹⁴⁰ llevada la orden de apresarse a los líderes del movimiento; y, 3) los destacamentos militares en todo el país se encargarían de sofocar cualquier protesta [...]. La mayor parte de los francoatiradores que desencadenaron la bacanal de violencia eran oficiales del Estado Mayor, enviados por el general Gutiérrez Oropeza por órdenes del presidente de la República¹⁴¹.

O sinal iluminado teria sido atirado por um homem que estava no 15º andar do prédio de Relações Exteriores, perfilado em uma das laterais da praça, “apuntó el arma hacia arriba

¹³⁸ PONIATOWSKA, Elena. **La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral**. México: Ed. Era, 1985. 45 ed.

¹³⁹ AGUAYO, Sergio. **1968. Los Archivos de la Violencia**. México, Grijalbo: Reforma, 1998, p. 219.

¹⁴⁰ O *Batallón Olimpia* foi um grupo paramilitar criado pelo regime com a intenção de deter possíveis insurgências.

¹⁴¹ Idem, 2015, p. 93 e 102.

y al recibir una indicación de uno de los hombres al teléfono, disparó y salió un proyectil que estalló en lo alto en una luz de bengala por la zona de las pirámides”¹⁴². Parecia que tudo ia dar certo, mas não foi o que aconteceu, pois no meio dos disparos policiais e soldados também foram atingidos. Esse acidente de percurso no plano do regime priista indica que houve algum erro de comunicação entre os agentes do Estado, a violência havia saído fora do controle.

O grupo paramilitar de franco-atiradores atirou de edifícios localizados sobre o perímetro da Praça das Três Culturas:

Los testimonios se acumulan para respaldar lo escrito por el general Crisóforo Mazón: ‘Fuego proveniente de la mayoría de los edificios que circundan la plaza’, es decir, ‘de Chihuahua, 2 de abril, ISSSTE, Molino del Rey, Aguascalientes, Revolución de 1910, 20 de Noviembre, 5 de Febrero, Chamizal y Atizapán’. En total, eran 10 edificios (sin contar a los granaderos que dispararon desde la azoteca de Relaciones Exteriores)¹⁴³.

Tudo indica que a emboscada estava bem organizada e os franco-atiradores postados com antecedência para mirar e atirar em suas vítimas. Para a opinião pública foi dito que estavam lá para forjar um ataque de possíveis subversivos infiltrados no movimento estudantil. O resultado foi catastrófico, centenas de vidas foram ceifadas e dos que sobreviveram, muitos foram presos¹⁴⁴, tudo em nome de um ideal: “proteger a segurança nacional”. A quantidade de vítimas assassinadas até hoje continua sendo um mistério. Duzentos é o número que transita entre as fontes internacionais e nacionais. O fato de não se ter uma quantidade exata de pessoas mortas no massacre evidencia o caráter silencioso e impune do Estado mexicano.

Se olharmos a lista¹⁴⁵ das vítimas mortas no massacre, identificadas até 2006, percebemos que o número de estudantes é maior, mas também se verifica a presença de pessoas com outras ocupações e com idades mais avançadas. O que corrobora que na Praça das Três Culturas havia uma presença diversificada de pessoas; elas não foram poupadas da violência estatal, pois o Terrorismo de Estado pode atingir alvos determinados ou aleatórios. No caso o plano do regime priista era destruir o movimento estudantil, só que para isso colocaram em jogo vidas de pessoas que não estavam vinculadas ao movimento. O Massacre de Tlatelolco não é mais grave por ter ceifado vidas de indivíduos de diversas classes, gêneros

¹⁴² Idem, 1998, p. 229.

¹⁴³ Ibidem, p. 241.

¹⁴⁴ O número de presos conta com três dados diferentes: “el general Crisóforo Mazón incluyó en su parte a 2.360; la procuraduría General de la República y del D.F. 1.650; y la Dirección Federal de Seguridad 1.043” Idem, 2015, p. 107.

¹⁴⁵ Anexo 1.

e idades; também não se torna pior caso um dia confirmem que o número de mortos é bem superior a 200, ou ameno, se o número não passar dos 34 identificados. Os atos de violência em Tlatelolco constituem uma lamentável página da História mexicana por terem sido o ápice de uma metodologia repressiva baseada em práticas de terror de Estado sustentado pelas diretrizes da Doutrina de Segurança Nacional. Naquela tarde de outubro o regime priista ultrapassou os limites de seu autoritarismo, mesmo diante de centenas de jornais estrangeiros e nacionais. Nada barrou a ação do presidente Díaz Ordaz e seus funcionários. Todavia, o presidente talvez não contasse que a indignação diante de uma injustiça como essa pudesse, mais cedo ou mais tarde, romper o silenciamento imposto à sociedade.

3 ¡2 DE OCTUBRE NO SE OLVIDA!

No dia seguinte ao massacre a imprensa mexicana, seguindo as ordens do PRI, minimizou o fato e culpou os manifestantes. Os estudantes que não haviam sido presos sofreram tantas ameaças que não tiveram forças para lidar com a pressão. O *Consejo Nacional de Huelga* teve seu fim em 04 de dezembro de 1968. Aquele movimento que sacudiu o México durante dois meses chegava ao seu limite, estava despedaçado, destruído e aterrorizado. Desta forma, o governo mexicano cumpriu seu processo, garantir o clima de estabilidade para possibilitar que sua as Olimpíadas ocorressem. Para tanto, o preço pago foi dizimar o movimento estudantil.

O que o regime priista não contava era que a mídia internacional não iria se calar. Foram muitos os jornalistas presentes no dia do massacre, conseqüentemente: “14 agencias noticiosas internacionales, 20 corresponsales y 62 enviados llenaron las primeras planas de 181 medios impresos de 38 países; estarían, además, los equipos de radio y televisión”¹⁴⁶. Todo esse aparato de jornalistas estava no México, pois faltavam apenas dez dias para o início dos Jogos Olímpicos. Ficou difícil esconder que o massacre fora conseqüência de um plano para sabotar o protesto estudantil. O discurso oficial foi perdendo espaço ante o que a imprensa internacional viu e registrou: a coragem da cidadania de gritar “¡2 de Octubre no se olvida!”

Na década de 1970 muitos estudantes continuaram tentando denunciar o massacre de 1968, uns através da literatura, escrevendo sobre o assunto, outros através da militância política. Ainda, em 1970, outro caminho trilhado por quem não era ouvido pelo Estado e/ou não concordava com a forma de governar do regime priista foi o da guerrilha urbana ou rural. As conseqüências dessa ação foram duras, muitos militantes foram perseguidos, torturados e/ou assassinados pelo Estado, que se justificou utilizando a conhecida argumentação da “guerra suja”, ou seja, toda forma de violência era necessária para combater não só mais um “inimigo interno”, mas neste caso, corporificado em grava ameaça militar; o que não mudara era o objetivo central da ação estatal: a defesa da Segurança Nacional.

Com certeza as feridas abertas em Tlatelolco ainda não foram cicatrizadas. O Estado mexicano, ao longo dos anos, não ofereceu nenhuma política pública de verdade, memória e

¹⁴⁶ AGUAYO, Sergio. 1968. *Los Archivos de la Violencia*. México, Grijalbo: Reforma, 1998, p. 287.

justiça para as vítimas diretas e indiretas do massacre, e continuou agindo de forma violenta diante de situações semelhantes.

3.1 Repercussão do massacre: o silenciamento oficial e a denúncia internacional

*“Fue una conspiración del silencio”.*¹⁴⁷

Sir Peter Hope,
embaixador inglês

As palavras de Sir Peter Hope, embaixador inglês, retratam de forma interessante o plano do presidente Díaz Ordaz e seu governo. A ideia pós-massacre era assegurar os Jogos Olímpicos no México, mostrar para a comunidade internacional e nacional a ordem reestabelecida e prisão dos revoltosos. Portanto, a administração Díaz Ordaz garantia a segurança das Olimpíadas. Para isso, o governo do PRI tinha uma carta na manga: a imprensa nacional.

Sergio Aguayo analisou 1.130 artigos de jornais mexicanos que versaram sobre o massacre, e foram redigidos coetaneamente aos acontecimentos. A partir dessa análise compreendeu que a maioria noticiou o ocorrido através da versão oficial do governo, minimizando a violência sofrida por quem estava na Praça das Três Culturas¹⁴⁸. Temos abaixo um trecho a respeito das investigações pós-massacre que foi noticiada pelo jornal *El Siglo de Torreón*, no dia 04 de outubro de 1968:

*Extraoficialmente se supo que hay muchos extranjeros detenidos en el Campo Militar No uno, y que la reunión de los Procuradores fue con el fin de activar investigaciones marginales de diversas Fundaciones, que han aportado dinero para aviar el descontento estudiantil y en manos de esos extranjeros, principalmente sudamericanos y cubanos, quienes resultaron hábiles tiradores y a los que se les aplicará todo el peso de la ley [...]. Se investiga la presencia de armas que tenían en su poder los detenidos de antenoche, y se sabe que por la frontera de Chiapas se ha estado internando armamento bélico, por lo que practican diligencias al respecto, También son investigados grupos de extranjeros radicados tanto aquí como en Guadalajara, Monterrey, Puebla y Aguascalientes*¹⁴⁹.

¹⁴⁷ Palavras de sir Peter Hope, embaixador inglês na época. Ibidem, p. 266.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ El Siglo de Torreón, 04 de outubro de 1968. Disponível em: <http://h.elsiglodetorreon.com.mx/Repository/EDT/1968/10/04/091-EDT-1968-10-04-001-SINGLE-ORIGNAME_00173.PDF#OLV0_Entity_0010_0009> Acesso em 24/10/2016.

Nesse trecho percebemos os rumos que as investigações governamentais estavam tomando. Os possíveis franco-atiradores eram apontados como sendo estrangeiros comunistas infiltrados no movimento, ou seja, esquerdistas pan-americanos; a grotesca tergiversação dos fatos presente no discurso político do regime do PRI. Sobre os mortos o jornal aponta para 29, o mesmo número dos jornais *El Universal*, *El Sol de México* y *Heraldo*, já o periódico *Excélsior* apontou para 30 e o *La Prensa* indicava 40 mortos¹⁵⁰. Porém, diferentemente da imprensa nacional, jornais internacionais apontavam uma quantidade maior de mortos e se distanciavam da versão oficial do massacre. Por exemplo, o correspondente do *New York Times* dos Estados Unidos dizia que “*tropas federales dispararon con rifles y ametralladoras contra una manifestación estudiantil*”¹⁵¹. Já o correspondente do *Le Monde* francês relatava que “*el ejército y la policía abrieron fuego sin advertencia sobre unas 15. 000 personas congregadas*”¹⁵². O jornalista inglês John Rodda do *The Guardian* apontava que naquele dia 500 pessoas teriam morrido. Tempo depois o mesmo jornalista chegava à cifra de 325 mortos no massacre.

Apesar do ocorrido, o Comitê Olímpico apoiava o governo mexicano, aceitando sua versão. Assim, os Jogos Olímpicos deveriam ocorrer normalmente, pois o México, na figura do seu chefe de Estado, presidente Díaz Ordaz, assegurava que tudo estaria controlado até a abertura oficial. Todavia, determinados membros do Comitê Olímpico se mostraram desconformes com a forma como o governo resolvera suas contradições internas, De fato, o italiano Giulio Onesti, presidente da Assembleia Geral Permanente dos Comitês Olímpicos Nacionais, e o australiano Berge Phillips, presidente da Assembleia Geral de Federações Internacionais, condenaram, no dia quatro de outubro, através da imprensa, a violência estatal contra a manifestação da Praça das Três Culturas¹⁵³.

Visando acalmar a imprensa internacional foi realizada uma coletiva a fim de explicar a versão oficial do governo¹⁵⁴. Apesar do pouco convencimento gerado sobre a imprensa internacional, as Olimpíadas seguiram o caminho planejado pelo governo do PRI. A capa do jornal *El Siglo Torreón*¹⁵⁵ ilustra como a imprensa mexicana noticiou a estreia dos Jogos Olímpicos:

¹⁵⁰ AGUAYO, Sergio. **De Tlatololco a Ayotzinapa: Las violências del Estado**. México, Editorial INK, 2015.

¹⁵¹ *New York Times*, 03 de outubro de 1968. Idem, 1998, p. 288.

¹⁵² *Le Monde*, 04 de outubro de 1968. Ibidem, p. 288.

¹⁵³ AGUAYO, Sergio. **1968. Los Archivos de la Violencia**. México, Grijalbo: Reforma, 1998.

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ El Siglo de Tórreón, 13 de outubro de 1968. Disponível em: <http://h.elsiglodetorreón.com.mx/Repository/EDT/1968/10/13/091-EDT-1968-10-13-001-SINGLE-ORIGNAME_00339.PDF#OLV0_Entity_0001_00019> Acesso em 24/10/2016.

FIGURA 4 – Capa do Jornal *El Siglo de Torreón*



Fonte: *El Siglo de Tórreón*, 13 de outubro de 1968.

México havia triunfado! Os jogos ocorreram com êxito, nem parecia que poucos dias antes do grande evento esportivo havia ocorrido um massacre na Praça das Três Culturas. Enquanto familiares das vítimas mortas no massacre tentavam encontrar seus entes queridos ou buscavam forças para aguentar a dor do luto, as capas dos principais jornais nacionais mostravam o sucesso da abertura olímpica. O governo do PRI tinha a imprensa em suas mãos, culpavam “franco-atiradores misteriosos” e fizeram todo o possível para silenciar quem podiam. No entanto, tiveram que lidar com a voz e o texto da imprensa internacional e da comunidade acadêmica mexicana. Obras como *Posdata* de Octavio Paz, *La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral* de Elena Poniatowska e *Los días y los años* de Luis González de Alba foram importantíssimas fontes de contestação e trouxeram a público argumentos e relatos alternativos à versão oficial que em nada era convincente. Entretanto, passada a euforia da Olimpíada, o regime priista conseguiu com relativo sucesso abafar o impacto inicial do grande crime. Já em médio prazo, as feridas que não cicatrizaram contribuíram para, aos poucos, reverter a tentativa de esquecimento oficial imposto à grande maioria da população. Apesar de tudo, nem o medo, nem o silêncio, nem a impunidade persistente conseguiram cicatrizar na marra as feridas abertas em Tlatelolco.

3.2 Movimento Estudantil pós-Massacre: feridas abertas

Se para o regime priista o massacre de Tlatelolco serviu para que as Olimpíadas ocorressem como planejado, para o movimento estudantil significou uma derrota trágica e profunda. Após o ocorrido centenas de estudantes foram mortos ou presos; os que não foram detidos sofreram ameaças ou se viram com pouca força para continuar o movimento. Até o final do ano o governo havia conseguido o que procurava desde agosto: derrotar o movimento estudantil.

Depois de 1968, essa geração de estudantes seguiu três caminhos diferentes:

[...] la inserción en universidades y medios de comunicación desde los cuales librarían la batalla cultural contra el autoritarismo; la incorporación a, o la creación de partidos políticos que florecerían después de la reforma electoral de 1977; y el ingreso a movimientos sociales y organismos civiles¹⁵⁶.

A geração de 1968, apesar do trauma resultante da brutal repressão tentava encontrar outras formas de organização e sobrevivência política para combater o autoritarismo priista e denunciar sua violência. O governo, por sua vez, procurava isolar as informações sobre o Massacre de Tlatelolco, tanto para os mexicanos, quanto para a opinião pública internacional – para isso, era essencial impedir o acesso dos denunciadores aos jornalistas que cobriram a Olimpíada –. Para silenciar sobre os fatos, o Estado perseguiu quem os denunciava. Nesse sentido, “en el sector público se impuso una férrea disciplina con listas negras, delaciones y despidos”¹⁵⁷, profissionais como Leopoldo Zea, Alfonso Corona Rentería e Octavio Paz foram demitidos de seus cargos públicos, por defenderem abertamente o movimento estudantil. Os objetivos primordiais do governo consistiam em evitar a circulação de qualquer documento que pudesse incriminá-lo, silenciar quem presenciou o “fuzilamento” na Praça das Três Culturas e, por fim, abafar qualquer informação que não estivesse contida dentro da versão oficial.

Diante desse quadro, parte do movimento estudantil optou pela luta armada. Nesse sentido, os primeiros anos da década de 1970 foram marcados pela intensificação das ações guerrilheiras e a intensificação da utilização indiscriminada da violência pelo Estado para eliminar os movimentos armados. Um dos grupos que seguiu o caminho da luta armada foi o dos estudantes ligados à Juventude Comunista. Depois da perseguição aos comunistas e da

¹⁵⁶ AGUAYO, Sergio. **De Tlatololco a Ayotzinapa: Las violências del Estado**. México, Editorial INK, 2015, p. 147.

¹⁵⁷ Idem, 1998, p. 272.

matança de 1968 parecia que não havia outro caminho a seguir. A radicalização fora realizada em 1970 a partir do “Encuentro del Pacífico”¹⁵⁸, quando o PCM decidiu que entrariam na clandestinidade para começar a luta armada.

Os primeiros grupos a atuarem na guerrilha urbana armada pós-68 foram: *Comando Lacandones*, formado por estudantes da UNAM e IPN na capital mexicana; *Federación Estudiantil Revolucionaria* (FER) de Guadalajara; *Frente Urbano Zapatista* (FUZ), formada na Cidade de México; *Movimiento de Acción Revolucionaria* (MAR) de Morelia e Los Guajiros, grupo formado por estudantes em Chihuahua. Esses grupos atuaram realizando diversos assaltos a bancos, sequestros, como o do diretor da *Aeropuertos y Servicios Especiales*, Julio Hirschfeld, realizado pela FUZ em 1971 e uma série de enfrentamentos. A resposta do Estado foi violenta; de 1971 a 1973 a polícia mexicana reprimiu e sufocou os grupos.¹⁵⁹

Parte dos guerrilheiros dos movimentos armados urbanos que não foram assassinados ou detidos se reuniram em meados dos 1973 para formar a *Liga Comunista 23 de Septiembre*, nome dado em homenagem a um ataque de uma guerrilha ao Quartel Madero, em Chihuahua, em 1965. A *Liga Comunista 23 de Septiembre* teve uma significativa atuação nas cidades de Guadalajara, Monterrey e na Cidade do México. O grupo realizou dois sequestros expressivos o do Cônsul dos Estados Unidos Terrance Leonhardy, em maio de 1973, e do Vice- Cônsul estadunidense John L. Patterson, em março de 1974. A *Liga Comunista 23 de Septiembre* acabou dizimada em meados de 1974, quando dois dos principais líderes do grupo, Salas Obregón e Manuel Gómez Lucero foram assassinados, junto a outros membros organização.¹⁶⁰

A partir da intensificação dos grupos armados o regime priista intensificou o combate contra-insurgente. A DFS continuou sendo a principal ferramenta de terror do Estado. De acordo com o artigo *Evidencias en los Archivos de crímenes de Derechos Humanos en México: el Caso de Aleida Gallangos*¹⁶¹, de autoria das integrantes do *National Security Archive*, Kate Doyle e Jesse Franzblau, a DFS, com ajuda de instituições de espionagem estadunidense como CIA e FBI atuou de forma conjunta para recolher informações dos grupos armados e reprimi-los. A DFS foi responsável por coletar informações, prender

¹⁵⁸ CARR, Barry. *La izquierda mexicana a través del siglo XX*. México: ERA, 1996, p. 271.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ DOYLE, Kate; FRANZBLAU, Jesse. **Evidencias en los Archivos de crímenes de Derechos Humanos en México: el Caso de Aleida Gallangos**. 2010. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB307/index2.htm>> Acesso em 24/10/2016.

suspeitos, torturá-los e produzir desaparecimentos. A respeito da ação repressiva do Estado, Kate Doyle e Jesse Franzblau argumentam que:

Los documentos secretos de la DFS obtenidos por el Archivo exponen el trabajo interno de la campaña de contrainsurgencia urbana de México durante los '70 y revela la participación de los más altos niveles del gobierno en crímenes políticos de estado. Los abusos incluían espionaje ilegal, infiltración en grupos de izquierda, redadas policiales injustificadas, detenciones secretas y traslados de prisioneros, secuestros, torturas y asesinatos¹⁶².

Os principais nomes ligados a essas ações foram o Capitão Luís de la Barreda Moreno (chefe da DFS de 1970 a 1975), os agentes da DFS Miguel Nazar Haro (reconhecido como torturador), Mario Moya Palencia (*Secretário de Governación* na época), Fernando Gutiérrez Barrios (com atuação na DFS por quase 20 anos) e Luis Echeverría (Ministro do Interior de 1964 a 1970 e Presidente do México de 1970^a 1976). Além da DFS foi criada a chamada *Brigada Blanca* (comandada por Miguel Nazar Haro), grupo paramilitar que perseguia e desaparecia pessoas que poderiam estar ligadas à guerrilha¹⁶³. Inclusive, a *Brigada Blanca* e o grupo paramilitar “*Los Halcones*” são apontados como responsáveis pelo tiroteio contra uma manifestação estudantil no dia 10 de junho de 1971, e que resultou na morte de dezenas de estudantes. Assim, como no caso do Massacre de Tlatelolco, o número de vítimas também é incerto havendo uma variação expressiva da cifra de vítimas que, segundo a fonte chega a oscilar entre 40 à 120¹⁶⁴ mortos. Isso demonstra a persistência e o caráter contínuo de repressão, impunidade e silenciamento por parte do Estado mexicano. Na prática, é a definição e persistência no tempo de um padrão de ação repressiva contra os movimentos sociais.

Como se pode perceber no decorrer dos anos 1970, o Estado mexicano além de tentar silenciar o Massacre de Tlatelolco, persistiu na prática de ações que podem ser caracterizadas como Terrorismo de Estado. A perseguição aos movimentos sociais, o desaparecimento de militantes, lideranças e opositores, os assassinatos, as torturas, as prisões massivas contra cidadãos ou a perseguição contra entidades que tentassem denunciar ou se opor ao regime priista foram uma constante. Particularmente delicada era a situação dos familiares e das vítimas dos desaparecidos. Essa prática repressiva havia iniciado na América Central (especificamente na Guatemala); pouco tempo depois, virou marca característica das ditaduras

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Não poderemos aprofundar os estudos sobre o massacre de 1971 neste trabalho, mas para maior conhecimento recomendamos a leitura do artigo: **El 10 de junio de 1971 y la disidencia estudianti**. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB209/informe/tema04.pdf>> Acesso em 03/11/2016.

do Cone Sul. A aplicação da mesma em regiões tão diversas na América Latina corresponde à existência de uma matriz de formação e treinamento contra-insurgente das Forças Armadas: a Doutrina de Segurança Nacional. As marcas do desaparecimento guardam desdobramentos particulares. Quem teve um amigo, um irmão, uma companheira, uma filha, um esposo desaparecido e nunca obteve resposta do Estado pode carregar consigo a dor da indignação, da não resposta, do vazio, do silêncio, da injustiça, pois, em relação ao desaparecido:

[...] sua existência foi suspensa; não está vivo nem morto; não está preso nem em liberdade. O Estado diz desconhecer seu destino. Logo, parece não existir, está em um limbo indefinido. Contudo, concretamente, existe, mesmo que não passe de um nome perdido em alguma lista ou, principalmente, no coração aflito de uma mãe de um obstinado pedaço de memória de alguém que procura respostas insistente e incessantemente¹⁶⁵.

Diferentemente de outros países que também sofreram a experiência de regimes de Segurança Nacional, e aqui destaco principalmente a Argentina, o Estado mexicano nunca ofereceu suporte psicológico que pudesse atender as vítimas da violência estatal durante o regime priista. Apesar do insistente silêncio feito pelos governos mexicanos, parte da sociedade gritou por justiça e verdade! A ferida aberta no Massacre de Tlatelolco nunca foi cicatrizada, pelo contrário, sempre esteve exposta. A matança nunca foi esquecida, porém, tampouco foi explicada. Por não ter sido devidamente explicada e muito menos julgada, continua viva, exposta, dolorida. Todavia, o movimento por verdade, memória e justiça segue sendo travado por quem *¡No se olvida!*

3.3 *¡2 de Octubre no se olvida!* O movimento por verdade, memória e justiça

*Si no hay verdad y justicia, el 2 de octubre del 68 puede asolarnos de nuevo*¹⁶⁶.

*No se pueden olvidar esos días y, por lo mismo, no se pueden repetir*¹⁶⁷.

Após o massacre de 1968, a violência estatal aplicada pelo governo do PRI persistiu em outras situações, por exemplo, como vimos durante os anos 1970, através da “guerra suja”

¹⁶⁵ PADRÓS, Enrique. Op. Cit. p. 113.

¹⁶⁶ PONIATOWSKA, Elena. 1968 abrió un porvenir. *Revista de La Universidad de México – UNAM*. México D.F., n 56 (Nueva Época), Octubre 2008. 2008, p. 17. Disponível em: <<http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/5608/poniatowska/56poniatowska.html>> Acesso em 10/08/2016.

¹⁶⁷ ZEA, Leopoldo. 1968 en la memoria. *Revista de la Universidad de México*, UNAM, México, diciembre de 1978 – enero de 1979, p. 01. Disponível em: <<http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/articulo.php?publicacion=523&art=10781&sec=Art%C3%ADculos>> Acesso em 17/10/2016.

assassinando, perseguindo, torturando e desaparecendo centenas de cidadãos mexicanos. A luta por verdade e justiça começou logo nos primeiros anos na década de 1970, principalmente através dos militantes que sobreviveram em 1968. Obras como *La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral* e *Los días y los años* são exemplos de escritas que utilizaram a memória dos que viveram a tensão entre o movimento estudantil e o governo do PRI, para denunciar a violência estatal.

O ano de 1993 marcou uma das primeiras iniciativas políticas no resgate social e na busca da verdade sobre o Massacre de Tlatelolco. Nesse ano formou-se uma Comissão da Verdade, cuja criação não partiu da ação do Estado e sim, da sociedade civil, com a participação de intelectuais, jornalistas, ativistas e acadêmicos que responderam à solicitação do Comitê 68. Esta entidade, que havia sido fundada em 1978 por ex-militantes estudantis como Raúl Álvarez Garín (um dos primeiros ativistas a lutar por verdade, memória e justiça em relação ao Massacre de Tlatelolco), surgiu como forma de lembrar os 10 anos do movimento estudantil e acabou se tornando uma das principais promotoras de atividades de memória, resistência e luta a respeito do 68 mexicano, sendo responsável pela idealização da “Estela de Tlatelolco”, monumento construído em memória às vítimas do massacre e localizado na Praça das Três Culturas.

A Comissão da Verdade, em 1993 buscava abrir espaços para o debate público sobre o Massacre de Tlatelolco; para isso seus membros ¹⁶⁸ solicitaram o acesso aos documentos guardados pelo *Archivo General de la Nación*. Porém, seu pedido foi recusado, pois o arquivo só poderia tornar público os documentos a partir de 1998, devido a um regulamento interno do arquivo com data de 1946, que deliberava a publicação de documentos pelo Poder Executivo somente depois de 30 anos da sua produção. Apesar da falta de informações e do descaso do presidente Carlos Salinas de Gortari, a organização entregou seu relatório em dezembro de 1993 à Comissão Nacional de Direitos Humanos e à Comissão de Direitos Humanos do Distrito Federal¹⁶⁹.

Portanto, quando se cumpriram trinta anos do fato em si, em 1998, as investigações acerca dos acontecimentos de Tlatelolco receberam a injeção do acesso documental. Nesse ano foi criada uma Comissão Legislativa Pluralista responsável por investigar o Caso de 68 e que teve acesso a documentos que haviam sido negados em 1993: vinte mil documentos do *Archivo General de la Nación*, 395 documentos dos arquivos do Congresso dos Estados Unidos (e também de arquivos nacionais desse país), 1487 fotografias de diferentes fontes,

¹⁶⁸ A Comissão da Verdade contava com 20 membros, entre eles estavam Sergio Aguayo e Elena Poniatowska.

¹⁶⁹ JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Op. Cit.

1962 documentos do *Centro de Estudio sobre la Universidad* (vinculado a UNAM), 19 depoimentos de testemunhos¹⁷⁰, 24 filmes e reportagens em suporte VHS, entre outros materiais. O acesso a tantas fontes de pesquisa não impediu, todavia, que a comissão reconhecesse ao final de seu relatório, que não havia conseguido chegar a maiores conclusões sobre o caso, pois ainda faltavam informações importantes.

Em 2000 foi eleito Vicente Fox, quem afirmara durante a campanha presidencial que um de seus compromissos com a população era a busca de explicações sobre 68¹⁷¹. Em consequência se formava mais uma comissão de investigação que pretendia averiguar crimes cometidos pelo Estado durante as décadas de 1960, 1970 e 1980. Assim, foi criada a *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado* (FEMOSPP), a qual deveria investigar:

[...] lo sucedido en los 532 casos de personas detenidas desaparecidas, y para dar una respuesta a la sociedad en torno a la acción del Estado respecto a los movimientos estudiantiles y a los movimientos armados que surgieron a finales de la década de 1960 [...] el trabajo de la Fiscalía se concentró en la investigación a todo lo relacionado a la represión al movimiento estudiantil del 68 (la del 2 de octubre esencialmente) y al exterminio de las organizaciones político-militares que sostuvieron algún tipo de enfrentamiento armado con fuerzas del Estado entre los gobiernos de Luis Echeverría y José López Portillo¹⁷².

As investigações da FEMOSPP foram favorecidas pelo sancionamento da Lei Federal de Transparência e Acesso à Informação Pública Governamental, em 30 de abril de 2002¹⁷³, resultado da pressão civil que exigiu um governo transparente que tornasse público os documentos elaborados pelo Estado. Mesmo tendo uma acessibilidade maior às informações os resultados da investigação não foram muito positivos para quem esperava maiores explicações e resposta dentro da perspectiva pelos asseios de verdade e justiça. Mesmo obtendo os nomes dos responsáveis pelos crimes estatais cometidos contra movimentos sociais não houve condições de garantir a intervenção da justiça. Ao final das investigações

¹⁷⁰ Testemunhos dados por: Rafael Jacobo García, Luis Echeverría Alvaez (incompleto), Gilberto Guevara Niebla, Luis Tomás Cervantes Cabeza de Vaca, Ifigenia Martínez de Navarrete, Joel Ortega, Marcelino Perelló Vals, Salvador Martínez della Roca, Oscar Levin Coppel, Jaime Cuauhtémoc García Reyes, Sócrates Amado Campos Lemus, Jorge de la Veja Domínguez, Arturo Martínez Nateras, Jorge Poo Hurtado, Luis González de Alba, Raúl Alvarez Gárín, Roberto F. Escudero, Pablo Gómez Álvarez, Nunzia Augeri de Raimondi, Gervasio Vázquez. Idem.

¹⁷¹ É importante refletirmos a respeito das intenções de Vicente Fox ao levantar essa bandeira, teria ele utilizado esta demanda social para angariar votos? Ou o fez por realmente desejar que os crimes cometidos pelo Estado fossem investigados? O fato é que após vencer as eleições o governo de Vicente Fox criou uma comissão de investigação a FEMOSPP, mas o resultado não foi o esperado por parte da população que aguarda justiça até os dias atuais.

¹⁷² JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Ibidem, p. 181.

¹⁷³ A Lei foi criada para promover o acesso às informações dos Poderes da União e de qualquer instituição federal do país.

foi elaborado um “Informe Histórico” cuja publicação oficial até hoje não se concretizou. Todavia, o *Nacional Security Archive* dos EUA chegou a veicular parte desse relatório, o qual se divide nos seguintes temas: *El movimiento estudiantil de 1968; El diez de junio de 1971 y la disidencia estudiantil; Inicios de la guerrilla moderna en México; La guerrilla se extiende por todo el país; Crímenes de lesa humanidad; Crímenes de guerra, persecución política y perversión de la justicia por parte del Estado mexicano; Mecanismos que el Estado utilizo para corromper el poder; Derecho a la verdad, al duelo y al reconocimiento del honor de los caídos en la lucha por la justicia; Concentrado general de desaparecidos por fecha*¹⁷⁴.

Em relação ao movimento estudantil, o documento apresenta um histórico sobre os seus antecedentes, mas enfatiza o ano de 68, o massacre e a dinâmica da violência promovida pelo Estado. A conclusão é contundente:

*Los actores sociales del movimiento estudiantil del 68 nunca recibieron por parte del Estado un trato político, pese a que fueron dignos defensores de las Libertades Democráticas; fueron tratados no solo como delincuentes comunes, sino como un grupo que debía ser exterminado, o en el mejor de los casos excluído de la vida nacional*¹⁷⁵.

Apesar do relatório feito pela FEMOSPP apontar os crimes de lesa humanidade cometidos pelos funcionários do Estado não se percebe uma maior efetividade judicial dos casos investigados. Um dos maiores exemplos de impunidade é em relação ao processo judicial contra o ex-presidente Luis Echeverría, na época assessor direto de Díaz Ordaz e envolvido naqueles acontecimentos; Echeverría acabou sendo absolvido em 26 de março de 2009.

Após quarenta e oito anos do Massacre de Tlatelolco os crimes cometidos pelo Estado mexicano continuam impunes. Até hoje não foi elucidado, com precisão, o número de pessoas assassinadas ou desaparecidas e muitas vítimas não foram identificadas. Por outro lado, não existe uma política pública que atenda os familiares dos mortos e desaparecidos de Tlatelolco. O mais grave é que, na prática, ninguém foi julgado. Podemos compreender essa impunidade como:

[...] una protección hacia la delincuencia por parte del Estado como institución, en su conjunto o por medio de alguna de sus partes orgánicas. Es una protección hacia sus funcionarios o hacia un sujeto particular que puede ser un delincuente común o

¹⁷⁴ O documento pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB180/index2.htm>> Acesso em 20/10/ 2016.

¹⁷⁵ 3. **El movimiento Estudiantil de 68.** Disponível em: <http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB180/030_Movimiento%20de%201968.pdf> Acesso em 20/10/2016, p. 83.

especial – generalmente por su poder económico o su influencia política – o hacia ambos en pluralidad de conductas¹⁷⁶.

Enquanto o Estado se protege, as vítimas de sua violência seguem aguardando por justiça. Apesar do silenciamento a luta por verdade, memória e justiça continua.

Para além de livros de memórias, de análises estruturais, trabalhos acadêmicos, ou de (insuficientes) políticas públicas, o movimento por verdade e justiça também tem sua força nas ruas. Todos os anos, no dia dois de outubro, ocorrem na capital mexicana, manifestações contra a impunidade da violência estatal desencadeada sobre o movimento estudantil em 1968. A marcha de dois de outubro é também um movimento cidadão de denúncia a outras agressões cometidas pelo Estado e seus associados, como o massacre de 1971 e, agora, mais recentemente, o desaparecimento de 43 estudantes, em 2014, em Ayotzinapa. E a lógica permanece: enquanto o Estado silencia, as ruas gritam *¡No se olvida! ¡Fue el Estado!*

Se não há justiça, não há reparação, não há resposta. Há luta, há esperança, há acolhimento, há indignação, há revolta, há solidariedade. O caminho para a verdade, memória e justiça pode ser longo, poder ser incerto, mas para quem perdeu um ente querido pelas forças do Terrorismo de Estado e para quem acredita em um mundo mais justo, talvez, o luto pelas centenas de pessoas atingidas pela violência estatal, se transforme em verbo: para que não se esqueça e para que nunca mais aconteça, inclusive no México de Tlatelolco.

¹⁷⁶ HERNÁNDEZ, David Chacón. Derechos Humanos y Impunidad. In: DURÁN, Carlos (coord.). **Reflexiones en torno a los derechos humanos. Los retos del nuevo siglo**. México, Miguel Ángel Porrúa/Universidad Autónoma Metropolitana Azcapotzalco, 2003, p. 35.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a Guerra Fria, particularmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980, os países latino-americanos foram influenciados pela Doutrina de Segurança Nacional, ideologia construída nos EUA e exportada através das Academias e Escolas de Guerra para as Forças Armadas de grande parte dos países latino-americanos. O objetivo principal da DSN e dessas Academias e Escolas de Guerra era capacitar os exércitos na luta contra possíveis mobilizações “subversivas”, ligadas a qualquer pensamento político de esquerda.

Dentro dessa lógica os países do chamado Cone Sul (Paraguai, Brasil, Chile, Argentina e Uruguai) e da América Central (particularmente, a Guatemala), sofreram golpes de Estado protagonizados pela ação de militares que receberam apoio dos Estados Unidos. Em consequência disso foram instaladas ditaduras de Segurança Nacional que tinham como influência as diretrizes da DSN e como metodologia repressiva o uso do Terrorismo de Estado. Este sistema marcou negativamente a vida de milhares de pessoas: assassinatos, torturas físicas e psicológicas, perseguições, desaparecimentos e sequestros fizeram parte da cultura do terror de Estado aplicada durante os “anos de chumbo” de cada ditadura. Mesmo que com suas particularidades, o objetivo desses regimes foi muito semelhante: livrar seus países do “perigo comunista”.

Diferente dos países citados anteriormente, o México não sofreu um golpe de Estado e nem teve uma ditadura de Segurança Nacional. Todavia, o governo do Partido Revolucionário Institucional (PRI), que esteve no poder aproximadamente por cinquenta anos, deixou em seu percurso brutais marcas de violência estatal. Uma delas, talvez a mais emblemática foi o Massacre de Tlatelolco, episódio que procuramos analisar ao longo deste trabalho.

Ocorrido em 02 de outubro de 1968, o Massacre de Tlatelolco começou com um tiroteio provocado por franco-atiradores contra uma multidão de manifestantes na Praça das Três Culturas e terminou com prisões e perseguições massivas. Na época, o discurso do governo afirmava que o massacre havia sido provocado por indivíduos estrangeiros infiltrados no movimento estudantil com a intenção de sabotar os Jogos Olímpicos que aconteceriam naquele mês no país. Até hoje se desconhece o número de pessoas que morreram nesses acontecimentos, os números variam de 34 pessoas já identificadas até 325. De qualquer forma, até hoje os culpados não foram punidos.

Apesar de existir uma quantidade significativa de obras e documentários, o Massacre de Tlatelolco ainda não foi totalmente explicado. Neste trabalho tivemos a intenção de analisa-lo através do crivo do conceito de Terrorismo de Estado e da Doutrina de Segurança Nacional, pois entendemos que o México não estava excluído da política anticomunista influenciada pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria. Frisamos que nossa pesquisa não esgota as possibilidades de análise sobre o Massacre de Tlatelolco, mas espera-se que contribua na ampliação do corpo reflexivo existente bem como na divulgação a respeito deste tema.

Antes de analisarmos o massacre na Praça das Três Culturas procuramos compreender o significado do “68”, pois além dele ser o ano do massacre, possui uma simbologia histórica que julgamos importante para nosso trabalho. Sessenta e oito foi o ano em que milhares de estudantes saíram nas ruas de Paris à Tóquio, de Praga à Cidade do México protestando contra os modos de governar de seus respectivos países; saíram para as ruas em busca de novas possibilidades de sociedade, depreciando o imperialismo e as mazelas do capitalismo, criticando o modo de viver estadunidense, contra a burocracia da velha esquerda soviética, contra a Guerra do Vietnã e contra toda forma de discriminação: sessenta e oito foi a massa de movimentos que reivindicavam a palavra utopia e afins através da contestação.

Após realizarmos uma breve reflexão acerca do processo histórico que desencadeou a eclosão do movimento estudantil de 1968 destacamos certas contribuições do debate historiográfico sobre o movimento no México; para isso nos baseamos na divisão metodológica realizada por Hector Jiménez Guzmán¹⁷⁷: *os escritos da conjuntura*, grupo de obras escritas a partir do discurso oficial do governo do PRI; *os escritos da prisão*, livros escritos por militantes detidos na prisão de Lecumberri; *os ensaios sobre a ruptura*, trabalhos acadêmicos que resgataram o movimento estudantil e o processo histórico que resultou nos acontecimentos de 68; *a rota das interpretações militantes*, obras de militantes debateram o perfil reformista, revolucionário ou democrático do movimento; *os ajustes de contas com a memória*, reflexões baseadas nas memórias de quem viveu aqueles eventos, alimentando uma batalha de memória; e *os arquivos da violência*, grupo de trabalhos realizados com o objetivo de desvendar a verdade sobre o Massacre de Tlatelolco a partir da documentação repressiva.

Além de analisar as múltiplas interpretações do 68 mexicano, também nos dedicamos a apresentar os sujeitos históricos que constituíram o movimento. Assim, como os movimentos estudantis de outros países, o mexicano também foi marcado por um caráter

¹⁷⁷ JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. Op. Cit.

político multifacetado; inúmeras foram as correntes ideológicas presentes: comunistas, socialistas, trotskistas, maoístas, anarquistas, cristão, reformistas, entre outros. A principal entidade de articulação foi o *Consejo Nacional de Huelga* (CNH), com representação de todas as universidades que participaram das mobilizações. Todas as decisões eram tomadas a partir de assembleias. Além do CNH o movimento formou Brigadas de Informação, criadas para viabilizar a comunicação entre os estudantes e o conjunto da população tentando diminuir o impacto do fato do governo do PRI ter o controle sobre a imprensa nacional, além de manipular a máquina sindical, o que permitia deturpar as informações sobre o embate em questões. Nessas Brigadas a atuação das mulheres foi significativa. Elas saíam pelas ruas em busca de comida para cozinhar e nessa atividade cotidiana trocavam informações com as pessoas, com isso, acabaram se tornando uma ponte entre a população e o movimento estudantil durante os três meses que as mobilizações sacudiram a capital mexicana.

As manifestações estudantis tomaram corpo no final de julho, quando um grupo de *granaderos* (unidade policial especializada) reprimiu violentamente uma briga entre estudantes da UNAM e do IPN após um jogo de futebol americano. A partir dessa ação os estudantes começaram a protestar contra a violência estatal. Em agosto ocorreram novas manifestações e o movimento foi tomando corpo, contando agora com o apoio de professores e de uma parcela da sociedade. Nesse contexto, tornaram público um documento com as seguintes demandas: revogação do artigo 145 (que regulamentava e propunha penas aos delitos de distúrbio social); fim do corpo de *granaderos*; destituição dos chefes de polícia que estavam envolvidos nas repressões; indenização aos familiares dos mortos e feridos vítimas da violência estatal; e julgamento dos responsáveis por reprimir, assassinar e ferir os manifestantes.

Na medida em que o movimento se organizava, divulgava suas demandas e tomava as ruas da capital, o governo do PRI utilizava todos os meios disponíveis para tentar acabar com a mobilização antes das Olimpíadas começarem. Na introdução do presente trabalho apontamos para a pretensão de responder as seguintes perguntas: o que o governo fez para por fim ao movimento estudantil? Utilizou práticas de Terrorismo de Estado? Foi influenciado pela Doutrina de Segurança Nacional? Procuramos responder as mesmas ao longo da pesquisa.

Nosso estudo confirmou que o governo do PRI antes mesmo das mobilizações estudantis, já havia estruturado um conjunto de instituições que funcionavam como uma complexa engrenagem de controle. Uma dessas instituições era a *Dirección Federal de Seguridad* (DFS), a polícia política do governo, criada em 1947 e responsável por espionar,

perseguir, torturar, deter e assassinar pessoas consideradas “*malos mexicanos*”, ou seja, opositoras ao regime. Também contava-se com a *Dirección de Investigaciones Políticas y Sociales* (IPS), responsável por investigar problemas políticos, além de um número considerável de agentes federais e grupos paramilitares também selecionados com essa iniciativa. Todas essas ferramentas, entre outras, faziam parte da metodologia de combate aos grupos de oposição.

A documentação analisada corroborou que agentes federais estavam espionavam o CNH desde seu início. Informações sobre estudantes considerados “*extremistas*” ou denunciados porque “*estuvo en Cuba*” são indicativos da lógica e objetivos dos serviços de inteligência. Da mesma forma, constata a presença perigosa de agentes da URSS infiltrados entre os estudantes, aponta para aspectos e influência da Doutrina de Segurança Nacional e o cenário de Guerra Fria. Ao fazer uma lista com nomes de estudantes marcando os que possivelmente seriam extremistas ou teriam contato com Cuba e identificando agentes soviéticos infiltrados no movimento, a DFS explícita um padrão contra-insurgente contido dentro da lógica e diretrizes da Doutrina de Segurança Nacional e do Terrorismo de Estado.

Quanto à pergunta se os Estados Unidos estavam de, alguma forma, inteirados ou colaborando com a política interna mexicana, o documento analisado da Agência de Inteligência de Defesa (*Defense Intelligence Agency – DIA*) do *National Security Archive* evidencia que os EUA estavam inteirados e preocupados com a situação interna do México, principalmente, no que diz respeito à mobilização estudantil. A presença estadunidense em solo mexicano era significativa, sendo que a estação mais expressiva da CIA na América Latina estava sediada na capital mexicana, contava com aproximadamente 50 agentes que trocavam informações com a DFS em nome da proteção nacional contra as “forças perigosos do comunismo”. O documento citado relatava a atuação das manifestações estudantis, as quais monitoraram de 29 de julho a 13 de agosto e a informação atenta para o modo como o exército mexicano agiu, concluindo que as forças repressivas do PRI agiram de forma sensata.

Até o dia do massacre, o regime priista praticou ações que fazem parte do que conceituamos como Terrorismo de Estado. Um dos elementos do terror de Estado é a imposição de uma pretensa *guerra vertical*¹⁷⁸, assim, a partir do momento em que o governo julgou que o movimento estudantil estava sob a influência estrangeira (comunista e soviética) construía ali o argumento necessário para justificar sua violenta ação. Outro mecanismo de Terrorismo de Estado foi o uso da imprensa pelo Estado para direcionar o pensamento da

¹⁷⁸ VALDÉS, Ernesto Garzon. Op. Cit.

sociedade a respeito do perigo do grupo identificado como subversivo ou inimigo. O regime e o PRI tinham controle da imprensa mexicana, e usavam esse fator para legitimar seu discurso. Analisando alguns números do jornal *El Siglo de Torréon* percebemos a presença da versão oficial do governo atestando para o perigo do movimento subversivo para o país nas vésperas dos Jogos Olímpicos e a contaminação estrangeira do movimento.

O chamado Massacre de Tlatelolco foi o ápice do Terrorismo de Estado no México no período pesquisado. Mas, ao longo da pesquisa contatamos a existência de elementos de terror de Estado antes do próprio massacre. Além de consolidar a imagem de um inimigo interno e criar um clima de tensão social criminalizando o movimento estudantil, o governo do PRI usou toda sua capacidade policial, ocupando universidades, perseguindo lideranças, espionando, tudo em nome da segurança do país e da manutenção do calendário Olímpico. Mesmo quando os estudantes realizaram uma marcha totalmente pacífica, chamada “Manifestação Silenciosa”, o regime priista não mudou sua forma violenta de lidar com a situação; assim, no final de setembro as universidades foram ocupadas com as Forças Armadas e no dia 02 de outubro a cartada final foi dada: o plano do presidente Diaz Ordaz era fazer com que o grupo paramilitar formado por franco-atiradores atirassem contra a multidão convocada na Praça das Três Culturas para provocar o caos e, a partir disso, os policiais pudessem prender os líderes estudantis; contudo, a situação saiu fora do controle; tiros e mais tiros direcionados a quem estava no centro da praça ceifaram muitas vidas em nome da segurança nacional.

Após o Massacre de Tlatelolco o governo silenciou sobre o trágico final de tarde do dois de outubro, mesmo sabendo que a imprensa internacional, havia presenciado o desfecho e, em parte, pressionava o Estado mexicano, o PRI utilizava a imprensa nacional para impor o seu discurso: seguindo o mesmo, os franco-atiradores eram elementos misteriosos, talvez estrangeiros comunistas que queriam sabotar as Olimpíadas; em decorrência a polícia só teria agido de forma violenta, porque não tinha outra saída. Mas, esse discurso oficial caiu por terra; a imprensa internacional e os estudantes sobreviventes denunciaram a violência estatal. Entretanto, os acontecimentos do dois de outubro passaram e as Olimpíadas ocorreram com enorme sucesso! Enquanto famílias, amigos e companheiros dos mortos, feridos, presos e desaparecidos, lidavam com a dor e indignação da perda, o governo do PRI provava para o mundo que o México era capaz de sediar um evento internacional. O CNH teve seu fim decretado no início de dezembro; o movimento estudantil estava destruído. O regime priista havia vencido e cumprido seu maior objetivo durante os meses finais de 1968.

Os anos 1970 foram marcados pelas tentativas de alguns estudantes sobreviventes de denunciar o massacre, através de suas memórias e militância. Além disso, outros encontraram na luta armada outra forma de agir e enfrentar a repressão do regime priista. Nesse sentido, uma nova fase de violência se iniciava: o combate aos grupos armados foi levado a cabo pelo governo, que continuou praticando Terrorismo de Estado para por fim aos movimentos armados. Um dos grupos dizimados pelo governo foi a *Liga Comunista 23 de Septiembre*, guerrilha urbana que teve seu fim em meados de 1974. Novas ações contra-insurgentes agora com o formato contra-guerrilheiro, continuaram sendo a característica essencial do governo do PRI depois de 1968.

Como consequência da violência do Estado, do medo resultante e do apagamento institucional imposto surgiu o movimento por verdade, memória e justiça, realizado pelas famílias e parte da sociedade mexicana até os dias atuais. O Comitê de 68 é uma das entidades mais expressivas dessas lutas contra a impunidade do Estado. Criado em 1978 por ex-estudantes, segue até hoje na busca por verdade e justiça. A “Estela de Tlatelolco”, monumento em memória às vítimas, idealizado por essa entidade e construído em 1993, ano que foi criada a primeira Comissão da Verdade a respeito do Massacre de 1968, é a expressão simbólica da concreta mobilização que partiu da sociedade civil.

Ainda, como consequência da pressão popular, foi implementada uma das políticas públicas mais eficientes do governo mexicano para investigar a violência estatal durante o regime priista: a formação da *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado* (FEMOSPP). Esse movimento ocorreu a partir da eleição de Vicente Fox do Partido da Ação Nacional (PAN), que tinha como bandeira em sua campanha à presidência do país para angariar votos e vencer o PRI, a luta por verdade nos casos de violência estatal, tais como, o Massacre de Tlatelolco. Apesar dessa iniciativa do Estado e da investigação realizada, os responsáveis pelo massacre e por outros crimes estatais continuam impunes.

Poucas foram as respostas e políticas públicas criadas pelo Estado para investigar e julgar os casos de violência estatal. Pelo contrário, o Estado continua sendo protagonista de casos de violência contra os cidadãos, como no recente caso dos 43 estudantes normalistas desaparecidos em 2014, em Ayotzinapa, quando estavam se preparando para ir na marcha de dois de outubro, que acontece todos os anos, na capital mexicana, em memória às vítimas de violência estatal (de forma geral, das vítimas do Massacre de Tlatelolco) e em nome da luta por verdade e justiça. Apesar da impunidade e do silêncio do Estado, parte da população mexicana continua gritando “*¡2 de Octubre no se olvida!*”. Quem sofreu não esquece, quem continua sofrendo com a violência do Estado não esquece, quem preza a verdade e justiça,

não esquece. Não existem barreiras que possam barrar a dor da indignação e a voz de quem vê no luto o verbo lutar.

ARQUIVOS PESQUISADOS

National Security Archive. Disponível em: <
<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB99/>> Acesso em 10/03/2016.

Hemeroteca digital do periódico *El Siglo de Torreón*. Disponível em: <
<https://www.elsiglodetorreon.com.mx/hemeroteca/>> Acesso em 10/03/2016.

FONTES APRESENTADAS

1) Relatórios da *Dirección Federal de Seguridad*

Elementos que han intervenido en el movimiento estudiantil. JARDÓN, Raúl. **El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968**. México, Editorial Itaca, 2003, p. 78 e 79.

La intervención soviética. JARDÓN, Raúl. **El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968**. México, Editorial Itaca, 2003, p. 71 e 72.

2) Relatório da Agência de Inteligência de Defesa (*Defense Intelligence Agency – DIA*)

Troops Used to Help Quell Mexico City Student Riots. Disponível em
 <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB99/Doc86.pdf>>. Acesso em 24/10/2016.

3) Jornal *El Siglo de Torreón*

El Siglo de Torreón, 27 de julho de 1968. Disponível em
 <http://h.elsiglodetorreon.com.mx/Repository/EDT/1968/07/27/091-EDT-1968-07-27-001-SINGLE-ORIGNAME_00109.PDF#OLV0_Entity_0011_0006> Acesso em 24/10/2016.

El Siglo de Torreón, 13 de outubro de 1968. Disponível em
 <http://h.elsiglodetorreon.com.mx/Repository/EDT/1968/10/13/091-EDT-1968-10-13-001-SINGLE-ORIGNAME_00339.PDF#OLV0_Entity_0001_00019> Acesso em 24/10/2016.

4) Discurso do Presidente Gustavo Diaz Ordaz ao Congresso dia 1º de setembro

Discurso del Lic. Gustavo Díaz Ordaz, al abrir el Congreso sus sesiones ordinarias, el 1 de septiembre de 1968. Disponível em:
 <http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/1968_87/Mensaje_del_Cuarto_Informe_que_rindi_al_H_Congreso_293.shtml> Acesso em 25/10/2016.

5) Relatório da *Fiscalía Especial para Movimientos Sociales y Políticos del Pasado (FEMOSPP)*.

Informe Histórico. Disponível em:
 <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB180/index2.htm>> Acesso 20/10/2016.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fábio Change de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. (AEDOS) Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS. N° 8. Vol. 3, Rio Grande do Sul. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776/11939>> Acesso em 10/08/2016.

ANDA, Gustavo de. **Tlatelolco 1968. Díaz Ordaz tuvo razón.** México: s.e, 1975.

ARÓSTEGUI, Julio. **La historia vivida: sobre la historia del presente.** Madrid: Alianza Editorial, 2004.

AGUAYO, Sergio. **1968. Los Archivos de la Violencia.** México: Grijalbo: Reforma, 1998.

_____. **De Tlatololco a Ayotzinapa: Las violencias del Estado.** México, Editorial INK, 2015.

BALAM, Gilberto. Tlatelolco. **Reflexiones de un testigo.** México: Costa-Amic, 1969.

BAUER, Caroline S. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países.** Tese (Doutorado em História). PPG-História/UFRGS. Porto Alegre, 2011.

_____. La ditadura brasileña y el concepto de terrorismo de Estado: Contribuciones de la experiencia argentina. *XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia.* Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007. Disponível em: < <http://cdsa.academica.org/000-108/1018.pdf>> Acesso em 25/09/2016.

BETHELL, Leslie (org). **História de América Latina: política y sociedade desde 1930.** Barcelona: Crítica, 1997.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; Gianfranco PASQUINO. **Dicionário de Política I.** 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v.1.

CÂNDIDO, Celso. 68 - A revolução do desejo? In: PONGE, Robert Charles. **1968: O ano das muitas primaveras.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

CARR, Barry. **La izquierda mexicana a través del siglo XX.** México: ERA, 1996.

CAMPUS LEMUS, Sócrates A. **68: Tiempo de Hablar,** México, Sansores y Aljure Editores, 1998.

CASTILLO, Heberto. **Libertad bajo protesta, historia de un proceso.** México:Federación Editorial Mexicana, 1973.

CERÓN, Ahremi. El movimiento del 68 en México: Interpretaciones historiográficas 1998-2008. Andamios, *Revista de Investigación Social,* Universidad Autónoma de la Ciudad de

México, México, vol. 9, n. 20, septiembre –diciembre, 2012, p. 237-257. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/anda/v9n20/v9n20a12.pdf>> Acesso em 10/08/2016.

COHEN, Deborah; FRAZIER, Jessie Jo. México 68: hacia una definición del espacio del movimiento. La masculinidad heroica en la cárcel y las “mujeres” en las calles. *Estudios sociológicos* XXII: 66, 2014.
Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59806603>>. Acesso em 30/03/2016.

CUESTA, Josefina. **História del Presente**. Madrid: Eudema, 1993.

DELGADO, Kevyn Simon. **El Partido Comunista Mexicano y el movimiento estudiantil de 1968: enfrentamiento, aportación e impacto**. Tese (Doutorado em História). PPG-História Universidad Autónoma de Querétaro, 2013.

DOMÍNGUEZ, Lopez Miguel; GONZÁLEZ, Pablo Martínes; ALMANZA, Raquel León. El PRI: Consolidación, Pérdida y Regreso al poder presidencial. *TLATEMOANI Revista Académica de Investigación*, nº 16, Espanha, 15 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/tlatemoani/16/politica.pdf>> Acesso em 20/10/2016.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. *Tempo e Argumento*. PPG-História/UFSC. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 05-22. Jan./Jun. 2012. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005/2014>> Acesso em 10/10/16.

DOYLE, Kate; FRANZBLAU, Jesse. **Evidencias en los Archivos de crímenes de Derechos Humanos en México: el Caso de Aleida Gallangos**. 2010. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB307/index2.htm>> Acesso em 24/10/2016.

DUHALDE, Eduardo Luis. **El Estado terrorista argentino: quince años después, una mirada crítica**. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

FRANCO, Marina; LEVIN, Florencia (comps.). **História reciente: perspectivas y desafíos para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

FEIERSTEN, Daniel. Guerra, genocídio, violencia política y sistema concentracionario en América Latina. In: **Terrorismo de Estado y Genocidio en América Latina**. Buenos Aires, 2009.

GARCÍA, Pineda Cuauhtémoc. **Testimonio de la Verdad (Tlatelolco 68)**: México, Editorial Claz, 2002.

HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (org.). **1968: Contestação e Utopia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

HERNÁNDEZ, David Chacón. Derechos Humanos y Impunidad. In: DURÁN, Carlos (coord.), **Reflexiones en torno a los derechos humanos. Los retos del nuevo siglo**, México: Miguel Ángel Porrúa/Universidad Autónoma Metropolitana Azcapotzalco, 2003.

HERNÁNDEZ, Salvador. **El PRI y el movimiento estudiantil de 1968**. México: El Caballito, 1971.

HERNÁNDEZ, David Chacón. Masacre de 1968. Culto a la impunidad y la persistente violación de los derechos humanos. *Alegatos*, n. 70, México, septiembre/diciembre de 2008. Disponível em: < <http://www.corteidh.or.cr/tablas/r23200.pdf>> Acesso em 15/10/2016.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia de Bolso. 2013.

_____. Os anos dourados. In: **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JARDÓN, Edmundo. **De la Ciudadela a Tlatelolco (México: el islote intocado)**. México: Fondo de Cultura Popular, 1969.

JARDÓN, Raúl. **El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968**. México, Editorial Itaca, 2003.

JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. **El 68 y sus rutas de interpretación: una crítica historiográfica**. Dissertação (Mestrado em História). PPG-História UAM Azcapotzalco, 2011.

KURLANSKY, Mark. Num lugar asteca. In: KURLANSKY, Mark. **1968 o ano que abalou o mundo**. Rio de Janeiro, José Olympo, 2005.

LAS LUCHAS Estudiantiles en el mundo. Buenos Aires: Galerna, 1969.

Los procesos de México 68: acusaciones y defensa. México: Editorial Estudiantes, 1970.

MACIEL, Maria Antonieta. A (r)evolução dos costumes: nada mudou, tudo mudou In: PONGE, Robert Charles. **1968: O ano das muitas primaveras**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

MISKULIN, Sílvia Cezar. As repercussões do movimento estudantil de 1968 no México. **Anais eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**, Vitória, 2008. Disponível em: < http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/silvia_miskulin.pdf>. Acesso em 15/10/2016.

PAZ, Octavio. Posdata. In: **Obras completas**. México: Fondo de Cultura Económica. 1996.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PIERRE, Héctor L. Saint. ¿Guerra de todos contra quién? La necesidad de definir “terrorismo”. In: LÓPEZ, Ernesto (comp.). **Escritos sobre terrorismo**. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

PADRÓS, Enrique. **Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar**. Tese (Doutorado em História). PPG-História/UFRGS, Porto Alegre, 2005.

_____. História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos. *Tempo e Argumento*. PPG-História/UFSC. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 30-45. Jan./Jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/708/599>> Acesso em 10/03/2016.

_____. De Berkeley a Tlatelolco: o 68 nas Américas. In: PONGE, Robert (Org.). **1968: O ano das muitas primaveras**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

_____. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. *Anos 90, Porto Alegre*, v. 11, n. 19-20, jan./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6356/3807>> Acesso em 10/04/2016.

_____. Terrorismo de Estado: reflexões a partir das experiências das Ditaduras de Segurança Nacional. In: GALLO, Carlos; RUBERT, Sylvania (Orgs.). **Entre a Memória e o Esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe Civil-Militar no Brasil**. Porto Alegre: Deriva, 2014.

_____. **As Ditaduras de Segurança Nacional: Brasil e Cone sul**. Porto Alegre: CORAG, 2006.

PETERSEN, Silvia; LOVATO, Bárbara H. **Introdução ao Estudo da História: temas e textos**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>> Acesso em 20/07/2016.

PONIATOWSKA, Elena. **La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral**. México: Ed. Era, 1985. 45 ed.

_____. 1968 abrió un porvenir. *Revista de La Universidad de México – UNAM*. México D.F., n. 56 (Nueva Época), Octubre 2008. Disponível em: <<http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/5608/poniatowska/56poniatowska.html>> Acesso em 10/08/2016.

MEXIQUE La malédiction de Tlatelolco. *La Gazette des Français de l'Amérique Latine et des Caraïbes*, França, [200?]. Disponível em: <http://grupolagazette.com/al/index.php?option=com_content&view=article&id=213:la-malediction-de-tlatelolco&catid=14&Itemid=114> Acesso 20/10/2016

MORLEY, Jefferson. **LITEMPO: Los ojos de la CIA**. 2006. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB204/index2.htm>>. Acesso em 24 de outubro de 2016.

MONTAÑO, Eugenia Allier. Presentes-pasados de 68 mexicano. Una historización de las memorias públicas del movimiento estudiantil, 1968-2007. *Revista Mexicana de Sociología* 71, México, Universidade Nacional Autônoma de México – Instituto de Investigaciones Sociales, n. 2, abril/junho 2009, p. 287 – 317. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-25032009000200003> Acesso em 10/10/2016

NIEBLA, Gilberto Guevara de. 1968: Largo Camino a la democracia. México: Cal y Arena, 2008.

REZA, Rosalío Wences. **El movimiento estudiantil y los problemas nacionales**. México: Nuestro Tiempo, 1971.

RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **O Século XX – O Tempo das Dúvidas** – Vol. 3, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. “1968” e seu significado histórico. In: **Capítulos sobre a história do século XX**. Tese (Doutorado em História) PPG-História/UFRGS, Porto Alegre, 2013.

RODRÍGUEZ MUNGUÍA. **La outra guerra secreta. Los archivos prohibidos de la prensa y el poder**. México: Random House Mondadori, 2007.

RODRÍGUEZ LOZANO, Rubén. **El gran chantaje**. México:Ediciones Fomento de la Cultura, 1968.

SMITH, Peter H. México 1946-1990. In: BETHELL, Leslie (org). **História da América Latina: 13 – México y el Caribe desde 1930**. Cambridge University Press, 1998.

TRONCOSO, Alberto del Castillo. El movimiento estudiantil de 1968 narrado en imágenes. *Sociológica*, México, UAM Azcapotzalco, año 23, n. 68, septiembre-diciembre de 2008, p. 63-114. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/soc/v23n68/v23n68a4.pdf>> Acesso em 22/10/2016.

VALDÉS, Ernesto Garzon. El terrorismo de Estado (El problema de su legitimación e ilegitimidade). *Revista de Estudios Políticos (Nueva Epoca)*, n. 65, jul./set.) 1989. Disponível em: < <http://recyt.fecyt.es/index.php/RevEsPol/article/viewFile/47595/29064>> Acesso em 10/10/2016.

VELÁZQUEZ VILLA, Hugo. **Memoria, Violencia, Política y Terrorismo de Estado en México**. [Palestra]. Dezembro, 2011. Disponível em: < <http://formacionhumana.iteso.mx/documents/11309/0/D-26147-5.pdf/8ce1e639-788f-41d7-893e-9b3318a2ed90>> Acesso em 10/07/ 2016.

UNZUETA, Gerardo. **Sobre el problema estudiantil-popular (Cartas desde la prisión)**. México: Fondo de Cultura Popular, 1969.

WALLERSTEIN, Immanuel. 1968: Revolución en el sistema-mundo. Tesis e interrogantes. *Estudios Sociológicos*, VII: 20, México: Centro de Estudios Sociológicos - El Colégio de

México, 1989. Disponible em: < <http://documents.mx/documents/wallerstein-1968-revolucion-en-el-sistema-mundo.html>> Acceso em 10/08/2016.

ZEA, Leopoldo. 1968 en la memoria. *Revista de la Universidad de México*, UNAM, México, diciembre de 1978 – enero de 1979. Disponible em: <<http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/articulo.php?publicacion=523&art=10781&sec=Art%C3%ADculos>> Acceso em 17/10/2016.

ZERMEÑO, Sergio. **México: una democracia utópica. El movimiento estudiantil del 68.** México: Siglo XXI, 1978.

Bibliografía Audiovisual

“68: la conexión americana”, Dir. Carlos Mendoza, México, 2008.

“El grito”, Dir. Leobardo López Aretche, México, 1969.

“Memorial del 68”, Dir. Nicolás Echevarría, México, 2008.

“Tlatelolco: Las claves de la masacre”, Dir. Carlos Mendoza, México, 2004.

ANEXO 1 - LISTA DE VÍTIMAS IDENTIFICADAS ATÉ 2006

1. Miguel Baranda Salas, 18 anos, estudante.
2. Carlos Beltrán Maciel, 27 anos, engenheiro químico (UNAM).
3. Cornelio Benigno Caballero Garduño, 18 anos, estudante.
4. José Ignacio Caballero González, 36 anos, empregado particular.
5. Bertha Corona Tafoya, 18 anos, camareira.
6. Constantino Corrales Rojas, cabo (Infantaria).
7. Alejandro Felipe Carbajal Galán, 15 anos.
8. Carlos Cristóbal Fortanel Hernández , 17 anos, estudante.
9. Cuitlahuac Gallegos Bañuelos, 19 anos, estudante (UNAM).
10. Luis Gómez Ortega, 20 anos, radiotécnico.
11. Fernando Hernández Chantre, 20 anos, estudante.
12. Ramón Horta Ruiz, 21 anos, envernizador.
13. Cecilio de León Torres, 25 anos.
14. Manuel Telésforo López Carballo, soldado (14º Batalhão de Infantaria).
15. [Pedro] Gustavo López Hernández, 22 anos, soldado (1ª Infantaria).
16. Rosalino Marín Villanueva, 13 anos, estudante.
17. Petra Martínez García, 15 anos, doméstica.
18. Agustina Matus de Campos, 60 anos, doméstica.
19. [Ana] Rosa María Maximiana Mendoza Robles, 19 anos, estudante.
20. Reynaldo Monzalvo Soto, 68 anos.
21. Manuel Nájera Oviedo, 22 anos.
22. Leonardo Pérez González, 29 anos, professor.
23. Melitón Pérez Vitel, 17 anos, mecânico.
24. Jaime Pintado Medina o Gil, 18 anos, estudante.
25. Pablo Pinzón Martínez, cabo (44º Batalhão de Infantaria).
26. Jorge Ramírez Gómez, 59 anos.
27. Guillermo Rivera Torres, 15 anos, estudante.
28. Octavio Rodríguez Cid, 45 anos.
29. Armando Reyes Haro, 15 anos, estudante.
30. Gilberto Reynoso Ortiz, 21 anos, estudante.

31. Juan Rojas Luna, 15 anos, estudante.
32. Antonio Solórzano Gaona, 47 ano, bancário.
33. Ana María Regina Teuscher Kruger, 19 anos, estudante.
34. Gloria Valencia Lara de González, 38 anos, comerciante.

ANEXO 2 – ELEMENTOS QUE HAN INTERVENIDO EN EL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL

11-4-32

ELEMENTOS QUE HAN INTERVENIDO EN EL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL

UNIVERSIDAD AUTONOMA DE MEXICO

200001

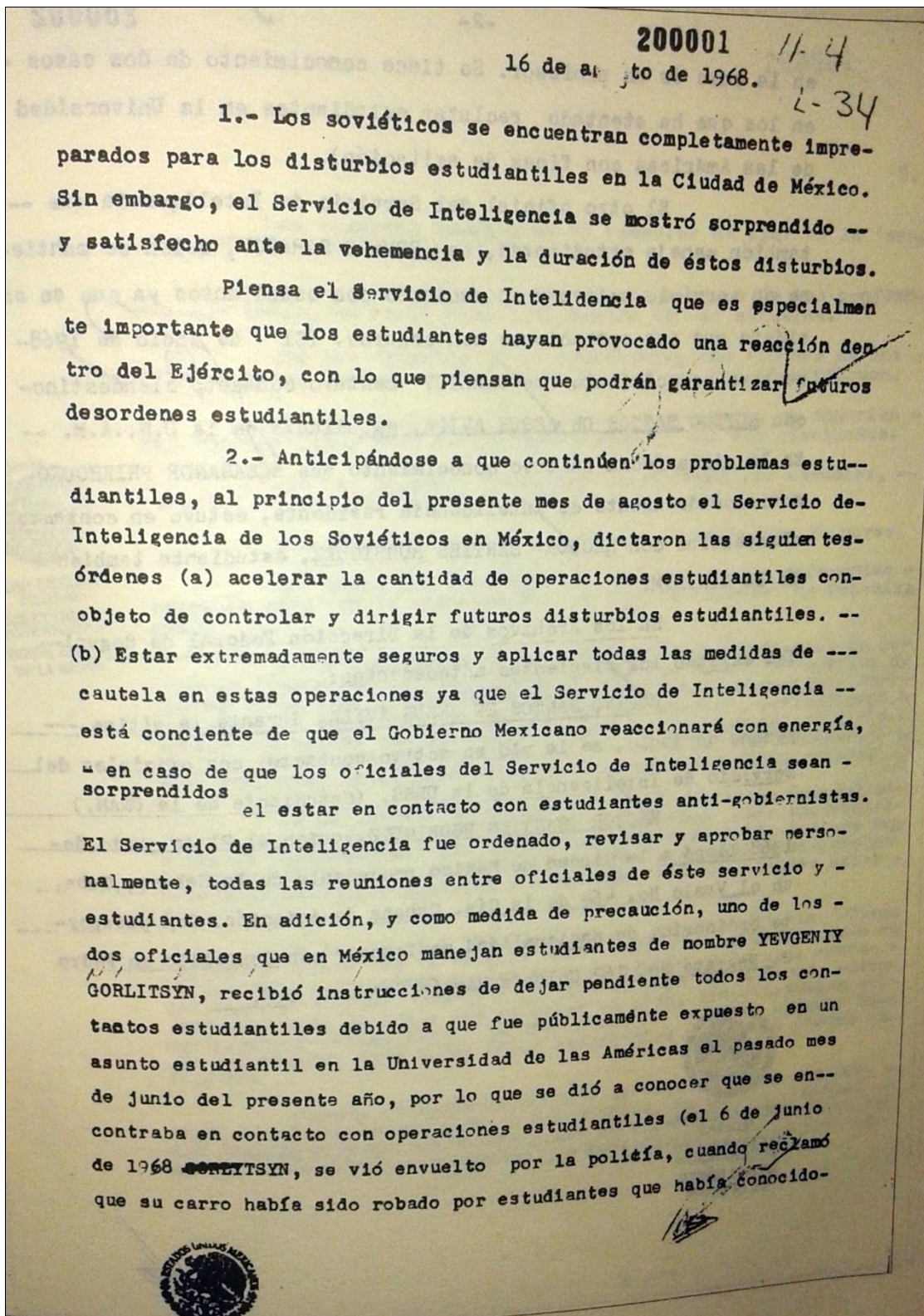
1.-	FEDERICO RIVERA RIVERA	E. N. E.
2.-	CARLOS SEVILLA GONZALEZ	Filosofía
3.-	ARNARDO FERRER MARQUEZ	Derecho
4.-	PROF. JESUS HECTOR GUTIERREZ	Esc. Nal. Economía
5.-	ALEJANDRO VALLE	Economía
6.-	RENAN CARDENAS MARIEN	Ciencias
7.-	GILBERTO GUEVARA MISBLA	Ciencias
8.-	CARLOS PEREYRA CRUZ	Medicina
9.-	BENITO COLLANTES MARTINEZ	Preparatoria No. 7
10.-	MANUEL OVILLA MANDUJANO	Derecho
11.-	CECILIA SOTO BLANCO	Derecho
12.-	SABINO FLORES DURAN	Derecho
13.-	JOSE LUIS GONZALEZ DE ALBA	Filosofía
14.-	ROMEO GONZALEZ MEDRANO	Ciencias Políticas
15.-	JOSE LUIS GONZALEZ SIERRA	Ciencias Políticas
16.-	FEDERICO RIVERA RIVERA	Economía
17.-	FRANCISCO CESAR COLMENARES	Economía
18.-	JUAN CARLOS MOYRON BENTON	Economía
19.-	INGO BROODSIK	Economía
20.-	JOSE GPE. NIETO MONARREZ	Economía
21.-	PABLO GOMEZ ALVAREZ	Economía
22.-	DR. FAUSTO UREJO FUENTES	Economía
23.-	SOFERINES TORDECILLAS SAGAZAMA	Grac. Gral. Soc. Alumnos. Med. Homeopat.
24.-	JAVIER MOLINA	
25.-	ISRAEL GALAN	Fac. de Ciencias.
26.-	ARLANDO REYDON CORONA	Fac. de Ciencias.
27.-	VICTOR FLORES CLEA	Fac. de Ciencias.
28.-	ARNAUDO CORDOBA	Prof. Fac. de Ciencias
29.-	FERNANDO BENITEZ CENTENO	Prof. Fac. de Ciencias
30.-	ERRICQUE GONZALEZ PEDRERO	Director de la Fac. de Ciencias Pol.
31.-	ERRICQUE GONZALEZ CASANOVA	Prof. de la Fac. de Ciencias Polít.
32.-	ENRIQUE MARTINEZ HELMEKE	Ciencias Polít. y Soc.
33.-	JUAN FELIPE LEAL FERNANDEZ	Ciencias Polít. y Soc.
34.-	FERNANDO BATIZ	Ciencias Polít. y Soc.
35.-	NAFAEL ESTEQUEZ	Ciencias Polít. y Soc.
36.-	ING. FERNANDO CASTILLO	
37.-	DR. ELI DE GORTARI	
38.-	CARLOS A. DEL NO PEREYRA CRUZ	Prof. en Filosofía
39.-	SALVADOR MARTINEZ DE LA ROCA	Medicina
40.-	FROYLAN CABALLERO RAMOS	Ciencias
41.-	MANUEL AGUILAR MORA	Preparatoria 5
42.-	FRANCISCO LINO OSIGUENA	Filosofía
43.-	FRANCISCO GIL CASAMONDA	Medicina
44.-	GUSTAVO GORDILLO DE ANDA	Medicina
45.-	JOSE CRUZ	Economía
46.-	ENRIQUE SEVILLA GONZALEZ	Derecho
47.-	FCO. SEVILLA GONZALEZ	Filosofía
48.-	ARTURO EDUARDO GONZALEZ RIOS	Ciencias Polít. y Soc.
49.-	ROGELIO MARIANO AGUIRRE	Economía
50.-	RUFINO PERDOMO GALLARDO	Preparatoria Popular
51.-	OSCAR LUIS VILLEGAS	Filosofía
52.-	ROBERTO SANDOVAL	Ingeniería
53.-	PROF. ALBERTO TRUJERA URBINA	Consej. por la Sec. de Economía
54.-	PROF. YOLANDA HIGARDA	Derecho
		Derecho

Elementos que han intervenido en el movimiento estudiantil. JARDÓN, Raúl. El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968. México, Editorial Itaca, 2003, p.78.

200002 2.-	
55.- RAUL MORENO MONCHE	Medicina
56.- ROBERTO ESCUDERO CASTELLANOS	Filosofia
57.- TOTO FELIX IRETA	Medicina
<u>INSTITUTO POLITECNICO NACIONAL</u>	
58.- FERNANDO HDE. ZARATE	E.S.E. (Extremista)
59.- FELIX HDM. GAMUND	Cand. Srio.Gral. CSIME (Extremista)
60.- JOSE TAYTE ABURTO	Pdte.Soc.Alumns.FNECAF Chapingo --- (Extremista)
61.- SOCRATES AJADO CAMPOS LEMUS	Sx-Srio.Gral. E.S.E. (Extremista)
62.- GUILLERMO GONZALEZ GUAJARDO	Prof.(contab) E.S.E. trab.en S.R.H. (Extremista)
63.- RAUL ALVAREZ	Repte. de Jefes de Gpo. de la STM (Extremista) "Pdte. Com.de Lucha"
64.- ALEJANDRO HNEZ. DEL VALLE	Nal.de Maestros.-Activista (Extrem.)
65.- FIDEL BORSON	ESCA (CJM) Sinalcoense "Activista" (Extremista)
66.- ANPOLDO BARRON CARNONA	ESIA.-Srio.del Interior (civiles) domina al Comité (Extremista)
67.- AURELIO VANEGAS SANDOVAL	ESI UIE-Activista (Extremista)
68.- FOMAS HINOJOSA BALBOA	ESI UIE- Srio.Gral. (Extremista)
69.- MAUR SOLANO SOLANO	ESE -con proyección para Srio.Gral. (Extremista)
70.- CEFERINO CHAVIN ALARCON	Srio.Gral. Esc.Nal.Cienc.Biológicas (Extremista)
71.- ARTURO GARCIA ROYER	Voca 4 (Extremista) TrotskistasCNEI
72.- ESTRAIN GARCIA REYES	ESE (Extremista) " " "
73.- JAIM GARCIA REYES	Voca 7 (Extremista) " " "
74.- ORALIA GARCIA ROYER	Voca 7 (Extremista) " " "
75.- CELSO BELGADO RAMIREZ	Pdte. de la U.J.M.
76.- LUIS ALCARAL UGALDE	CSIME cand.e Srio.Confl.(p.Blanco) estuvo en Cuba.
77.- IGNACIO GIL ZANORA	Ex-ldte. de la FNEZ (estuvo en So- ria Bulgaria) (No extremista)
78.- EUCARIO ROSADO MUÑOZ	Ex-Pdte. FNET (No Extremista)
79.- JESUS MORALES GONZALEZ	Ex-Pdte. FNEZ estuvo en Cuba (No Extremista) "unc.de Dir. Dec.Reg. Srio.Gral. FNET"
80.- ROBERTO VALDIVIA OCHOA	Srio.Gral. "Wilfrido Massieu"
81.- FROYLAN CABELERO	(CNSD-miembro) Srio.Gral. Esc.Sup. Ing. Qq.
82.- JORGE CASTAÑEDA VEG.	Srio.Gral.Soc.Alumns.(Arquitectos)
83.- ANGEL DUARTE ORTEGA	
84.- JOSE MARIA CALDERON	
85.- JUAN JOSE FERNANDEZ	
86.- LEONIN ESTRADA	
87.- OSCAR JOFRE V.	Srio.Gral. de la ESCA
88.- MENTOR SAUEL PUERTOS HURT.	FNET
89.- ROBERTO VALDIVIA OCHOA	FNET.- Srio.Gral.
90.- APOLONIO DALES MUÑOZ	Pdte.Soc.Alumns.-Turno
91.- J. ARIEL CONCHERAS	
92.- PROP. JESUS BARROSO	
93.- JAVIER MASTACHE	
94.- CESAR SAINE CALDERON	Cand.s Srio.Ext. P.Quinta (ESME)
95.- RAYMUNDO HUIZAR	ESE (Sinalcoense)
96.- RAUL LOPEZ PALACIOS	Pte. Asoc. Estuds. Tec. Sinalcoenses.
97.- SOSTENES TORDECILLAS LAGARIMA	ESQUTE.-Com.de Lucha (Agitador)
98.- JUAN MARIA GUTIERREZ UZABOZ	Srio.Gral. Esc.Nal.Med.Nomsopat. ESCAC. CUCAR Sinalcoense)

Elementos que han intervenido en el movimiento estudiantil. El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968. México, Editorial Itaca, 2003, p.79.

ANEXO 3 - LA INTERVENCIÓN SOVIÉTICA



La intervención soviética. El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968. México, Editorial Itaca, 2003, p. 71.

-2-

200002

en la casa de un profesor. Se tiene conocimiento de dos casos - en los que ha atentado reclutar estudiantes en la Universidad de las Américas con fines de agitación).

El otro oficial del Servicio de Inteligencia que --- también maneja estudiantes, es EDUARD SARATOV, quien se mantiene en servicio activo y en contacto con estudiantes ya que se considera que sus operaciones son seguras. (El 4 de junio de 1968 se tuvo conocimiento que SARATOV mantuvo contacto clandestino con RUFINO SANTOS DE JESUS AVILA, estudiante de la U.N.A.M. -- En la misma fecha se tuvo conocimiento que ALEKSANDR PRIKHODKO -comisionado Agente de Inteligencia residente, estuvo en contacto clandestino con HECTOR SANTIES RODRIGUEZ, estudiante también de la U.N.A.M.

En los Archivos de la Dirección Federal de Seguridad existen los siguientes antecedentes:

RUFINO SANTOS DE JESUS AVILA, durante la última --- semana de junio, se le vió en activo contacto con oficiales del Servicio de Inteligencia de la URSS. (Estudiante de la UNAM.)

HECTOR SANTIES RODRIGUEZ, quien el 21 de junio de 1968 llegó a la Ciudad de México procedente de La Habana, Cuba, en el Vuelo No. 464 de la Cía. Cubana de Aviación. Con pasaporte ordinario, de nacionalidad mexicana y con domicilio en Pedro C. Negrete No. 162 Colonia Margán Carrera, D.F.



La intervención soviética. El espionaje contra el movimiento estudiantil. Los documentos de la Dirección Federal de Seguridad y las agencias de inteligencia estadounidense en 1968. México, Editorial Itaca, 2003, p. 72.